

Coronavírus pode ficar ativo por mais de 14 dias no organismo

Estudos mostram que o vírus que dá origem à covid-19 permanece detectável por um período maior do que o do isolamento recomendado atualmente no Brasil. [Página 16](#)

Entrevista



Empaer Nivaldo Magalhães fala sobre políticas públicas voltadas para o homem do campo. [Página 4](#)

Paraíba

Dia do Parkinsoniano alerta para diagnóstico precoce

O mal de Parkinson é a segunda doença degenerativa mais comum, perdendo apenas para o Alzheimer. [Página 6](#)

Economia



Inclusão PB tem maior saldo de oferta de emprego para pessoas com deficiência do Nordeste. [Página 13](#)

Esportes

Campeão há 25 anos, hoje o Santa Cruz vive no ostracismo

Time de Santa Rita, que dominou as temporadas de 1995 e 1996, hoje está fora do futebol profissional. [Página 8](#)

Comitê Olímpico cria curso de enfrentamento ao racismo

Previsto para ter início dia 6, será obrigatório para qualquer brasileiro que queira disputar os Jogos Olímpicos. [Página 7](#)

Almanaque

José Lopes de Andrade foi um dos grandes cronistas de CG

Jornalista introduziu, nos jornais da cidade, a Sociologia moderna, além de ter fundado o IHGCC. [Páginas 18 e 19](#)



Foto: Arquivo pessoal

Os renascimentos da pandemia

Traçando um paralelo com o Domingo de Páscoa, que simboliza a ressurreição de Jesus Cristo, a história de paraibanos que enfrentaram momentos difíceis com fé e esperança, como a professora de educação física Monalisa Santos, que superou a covid há um ano, quando ainda havia pouca informação sobre a doença. [Página 5](#)

Diversidade



Foto: Marcus Antonius



Plante esta ideia A arborização na zona urbana é importante, mas é necessário escolher a espécie adequada para o lugar e fazer o manejo correto. [Página 15](#)

Cultura

Foto: Divulgação



Livro digital Através do texto de 64 mulheres, todas jornalistas, obra analisa o isolamento social pela ótica feminina. [Página 9](#)

Colunas

/// A gripe chegou debochada e perversa, duas vezes perversa: uma, enquanto cruel; outra, enquanto fugiu aos modos próprios de gripe. Ela não se limitou ao defluxo, ao ataque da garganta, à dor de cabeça, à febre antiga. [Página 2](#)

Sitônio Pinto

/// Diante de tantos problemas, limitações e desejos de superação, uma atitude que pode fazer grande diferença é planejar estrategicamente o que precisa ser feito. [Página 13](#)

Chico Nunes

/// Paulo Soledade viveu uma espécie de 'volta à vida' quando, após ser desenganado por uma junta médica, tendo sido submetido a uma cirurgia de alto risco, vendo próximo o seu fim e escapando dele". [Página 19](#)

Professor Francelino Soares

Cuide de si e do próximo

USE ÁLCOOL EM GEL 70%

MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO

USE MÁSCARA



Editorial

O futuro é amanhã

Assassinatos de crianças causam dor e revolta. Essa angústia e indignação se intensificam e chegam à potência máxima quando as mortes ou abusos dos pequenos têm como protagonistas pessoas que deveriam protegê-las, principalmente pais, mães, padres, médicos, professores etc. Mas a realidade é que é preciso ter sempre muito cuidado com meninos e meninas.

Infelizmente, crianças continuam perdendo a vida dentro de suas próprias casas, porque o novo companheiro da mãe ou a nova companheira do pai, por exemplo, entende que elas estão atrapalhando o relacionamento do casal. Um absurdo sob todos os pontos de vista, mas acontece, e o poder público e a sociedade precisam encontrar formas de evitar essas mortes.

Ocorre que crianças são vítimas de outros infortúnios, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, em graus variados, claro, dependendo do país. O trabalho, a escravidão, o tráfico e a prostituição infantil continuam sendo um pesadelo para a humanidade. Sem falar que em muitas regiões do globo meninos e meninas são recrutados para lutar como crianças-soldado.

Milhares de crianças refugiadas estão à deriva, no mundo, distantes não de suas casas, mas, o que é pior, de seus países, sem ter a mínima ideia do paradeiro de seus pais e mães ou quaisquer outros membros de suas famílias. Organizações como Médicos Sem Fronteiras publicam, periodicamente, relatórios que revelam a situação drástica de milhões de crianças.

Ninguém está isento da responsabilidade com o destino das crianças, sejam as do Brasil, da China ou Nova Zelândia. O garantir o bem-estar de meninos e meninas, dentro de casa ou na escola, é dever de todos. Isso passa pelo questionamento do sistema político-administrativo de cada país, e pelo compromisso com a transformação social global.

Sociedades com grande número de crianças em situação de risco precisam ter suas estruturas modificadas. Cabe à sociedade civil organizada exigir do poder público melhores condições de vida para meninos e meninas vítimas de algum tipo de exploração. Não se pode pensar em futuro com tantas crianças vivendo sem a garantia de que acordarão vivas amanhã.

Crônica

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Os registros da Memória

Como é bom a gente buscar na memória lembranças de acontecimentos que construíram nossa história de vida. Para os que estão na mesma faixa etária é um exercício de recordações interessantes. Além da saudade sentida por momentos felizes vividos, procuramos fazer comparações com os tempos atuais. E percebemos que o mundo mudou junto conosco. Se contemporâneos, fica muito mais fácil a compreensão de fatos e circunstâncias do passado. Entretanto, se o fazemos em narrativa para alguém que faz parte de gerações que nos sucederam, haverá alguma dificuldade para entender bem o que falamos, porque a modernidade fez desaparecer muita coisa que se utilizava no passado e modificou costumes e conceitos. Nossos filhos e netos ouvirão de nós palavras que não representam nada para eles, uma vez que desapareceram com o tempo.

Os registros da memória permitem aos que vivenciaram o nosso tempo, sentir a gostosa sensação de relembrar fatos pretéritos dos quais foram protagonistas. Se imaginarmos voltando ao passado, saboreando o prazer das reminiscências que talvez estivessem escondidas no pensamento.

Não fazemos isso com o propósito exclusivo de provocar recordações, mas, fazer da nossa experiência do passado, uma forma de transmitir informações inteiramente desconhecidas para os que vivem num tempo tão diferente. O processo evolutivo do ser humano termina por deixá-lo sem a capacidade de entendimento de como se efetivaram acontecimentos de épocas pretéritas.

Mas é importante vincular a realidade do passado às características do momento atual. Tudo o que fazemos no presente tem um sentido de continuidade histórica. E se ignoramos como nossos antepassados viveram, estamos fadados ao reconhecimento da nossa cegueira cultural. Ninguém pode se considerar sábio, sem conhecer suas origens.

É muito bom aproveitar-se da memória para continuar refletindo sobre a vida, a partir do conhecimento e das recordações resgatadas dos tempos que se foram na nossa existência. Somos resultado de nossa vivência nas relações familiares e socioculturais. Os eventos dos quais participamos, assistimos ou tomamos conhecimento, produzem efeitos que formam nossa identidade.

Queiramos ou não, somos todos participantes da História. Por isso temos a obrigação de observá-la, tanto pelo nosso olhar pessoal, quanto pela análise crítica dos que nos cercam. Precisamos ser socialmente responsáveis, fazendo a

relação do passado com o presente, na observância cuidadosa do que se coloca como continuidade e o que se revela como mudança. Sejamos, então, atentos à nossa própria historicidade e à historicidade das sociedades dos quais participamos. Na História não existem verdades absolutas. Daí se fazerem necessárias abordagens múltiplas de visões de mundo, para melhor compreensão dos processos e sujeitos históricos nos diferentes tempos e espaços. A História não é só construída pelos grandes feitos, mas também pelos acontecimentos corriqueiros do nosso cotidiano.

/// E se ignoramos como nossos antepassados viveram, estamos fadados ao reconhecimento da nossa cegueira cultural. Ninguém pode se considerar sábio, sem conhecer suas origens. ///

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Chá

De pouco adiantaram aqueles chás antigos com sabor de infância. Os eucaliptos davam nos oitões e nas febres. Manhãzinhas, forneciam as carrapetas para os jogos na sombra perfumada. Eram pequenos piões pretos, em forma de taças, que rodavam um pedaço de eternidade a um simples estalar de dedos. À tardinha, os eucaliptos gigantes do oitão serviam de pouso aos urubus. Eles traziam a noite em suas asas e se aconchegavam nos galhos frescos como a lua. Nas febres, os eucaliptos vinham para dentro de casa mitigar as imagens do delírio do chá de suas folhas leves e altas, enluaradas, muito mais altas que o ar, muito mais leves que a gravidade — aquela que fazia descer os balões.

A gripe chegou debochada e perversa, duas vezes perversa: uma, enquanto cruel; outra, enquanto fugiu aos modos próprios de gripe. Ela não se limitou ao defluxo, ao ataque da garganta, à dor de cabeça, à febre antiga. Aliás, a secreção foi pouca, sequer escorreu pelo nariz com seu sabor agriço de antanho; nem mesmo entupiu as ventas. A garganta não doeu, não inflamou. Estranhamente, a vítima escarrava sangue, principalmente pelas manhãs. Essa, uma das perversidades da gripe. As outras: o vômito compulsivo e nauseado, acompanhado de sutil disenteria. O resultado era uma fraqueza incondicional que desarmava ainda mais o paciente diante da influenza maligna.

Os chás, as pastilhas, as pomadas perderam toda sua magia e poderes exorcistas diante dos demônios das febres. Apenas aquele sabor azul de vento muito limpo, aquele sabor anil que enxágua e seca o vento, aquele sabor de céu que ao chegar à fria e branca areia torna-se verde-claro na folha do eucalipto, apenas aquele sabor largo de oitão chegou sua mão à frente e enxugou a memória.

Antes, não se respeitavam os costumes; agora, não se respeita o ambiente. O que dá nessas febres desabusadas que assolam o

País e os oitões. O céu se faz inanimado sem as asas a pino. Só a palidez das nuvens insiste em demandar o crepúsculo. Os defensivos mataram de tal forma a vida, que os urubus, pastores da morte, morreram também. Os oitões trancaram-se em velas sob as violas dos réquiems.

Ao longo de quase meio século, só vi duas gripes mais fortes que essa: a famigerada "asiática", que fazia sangrar o nariz, e uma que atacou Brasília aí por volta de 1977. Da asiática tive recaída e quase perdi as férias de julho de 1959; da influência do Planalto, perdi 15 (quinze) quilos e a ilusão daqueles ermos. Mas ambas, a da Ásia e a do Planalto, tinham jeito de gripe. É verdade que não me diagnosticasse e sugerisse à dona da pensão, senhora Joana, a assepsia do despejo. Só não morri graças à caridade da

santa mulher que nos fornecia refeições e me albergou na preamar da gripe. Mas essa gripe que veio das Alagoas — a collarida — se apresentava como um objeto não identificado. As dores no tórax não permitem posição para dormir, e, combinadas com a secreção sanguinolenta, deixam a nítida impressão de pneumonia. Às vezes, a impressão se confirma. Papai, foi antes de tudo um forte, e, depois de tudo, um sertanejo, não teria tirado a conta certa com a pneumonia em que sua gripe degenerou.

Quer dizer que degenerada ela já é; o que pode ocorrer é a exacerbação da degenerescência. Aviso aos navegantes: esses efervescentes coloridos que chamam por aí não adiantam muita coisa. O que se tem a fazer é furar a veia e mandar um pingo de vitamina C com glicose. Assim: 20 cc de glicose, já vitamizada, acrescidos de 5cc de ácido ascórbico, a popular vitamina C. Mandar na veia, todo dia, e ficar um pouco à sombra da farmácia, enquanto o sangue se espraia.

Depois, é voltar para os oitões, às carrapetas, aos eucaliptos, ao cheiro azul que se achegue à febre e aquiete a memória.

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

FELIZ PÁSCOA! DE NOVO???



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Vigilância Ambiental atua no combate de situações que favorecem a proliferação das pragas; para cada uma delas, é desenvolvida uma estratégia diferente, mas a manutenção da salubridade no local depende do engajamento e consciência ambiental da sociedade

Período de chuvas favorece o aparecimento de pragas

Vigilância Ambiental realiza trabalho preventivo para combater ratos, caramujos e mosquitos, que surgem com o tempo úmido

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br

A chegada do período chuvoso em nossa região aumenta a proliferação de ratos, caramujos africanos e mosquitos. O tempo úmido e quente, aliado a poças de água parada, favorece o aparecimento das pragas urbanas. A Gerência de Vigilância Ambiental, da Secretaria de Saúde de João Pessoa, realiza um trabalho preventivo contínuo no combate às pragas em bairros e comunidades da cidade. No entanto, devido ao aumento do número de casos de covid-19 no estado, as ações têm sido realizadas por uma equipe de agentes de saúde, com agendamento prévio.

As pragas urbanas mais comuns são baratas, escorpiões, pombos, ratos, caramujo africano e mosquito *Aedes aegypti*. A gerência atua no combate de situações que favo-

recem a proliferação das pragas: água, acesso a alimento e abrigo. De acordo com o chefe da divisão de Vigilância Ambiental, Nilton Guedes, a proliferação desses animais se dá, principalmente, pelo descarte incorreto de resíduos como resto de alimentos e entulhos. "A população não mantém uma higienização regular, não dá destino correto ao lixo, criando condições favoráveis para que os locais sejam utilizados como abrigo. Todos esses fatores provocam um descontrole do meio ambiente", afirmou.

As ações de prevenção da Gerência de Vigilância Ambiental são contínuas, porém, o controle na proliferação desses animais depende das atitudes cidadãs. "Todas as pragas urbanas são sazonais. O período de reprodução dos pombos acontece em setembro, por exemplo. As chuvas em João Pessoa propiciam a proliferação do mosquito

Aedes aegypti em decorrência do aumento das temperaturas, umidade e acúmulo de chuvas, facilitando a reprodução do mosquito em pequenos depósitos artificiais, como plásticos. O caramujo africano também está propício à reprodução, pois se encontra em áreas pequenas, geralmente jardins, com alimentação e abrigo fáceis", explicou.

Sociedade no combate

Para cada praga urbana é desenvolvida uma estratégia diferente, mas a manutenção da salubridade no local depende do engajamento e consciência ambiental da sociedade. Nilton Guedes, chefe da divisão de Vigilância Ambiental da Prefeitura de João Pessoa, destaca a importância da participação das pessoas, com os devidos cuidados. "A forma de eliminar o caracol africano, por exemplo, é através da catação com as mãos enroladas em

sacos plásticos dos primeiros indivíduos e depois afogá-los com água e sabão", exemplificou.

De acordo com o chefe da divisão de Vigilância Ambiental, o monitoramento de pragas acontece com ações educativas e detetização com produtos químicos. "A gente realiza um trabalho educativo com a população. O período também é propício à proliferação de ratos, então, realizamos um trabalho importantíssimo no controle a leptospirose e combate à população de roedores, aplicando raticidas em áreas específicas", enfatizou.

Em relação aos escorpiões, a recomendação da Gerência de Vigilância Ambiental é conter a caixa de gordura e esgoto, impedindo o deslocamento desse animal peçonhento para outros ambientes. A presença de baratas e outros insetos resultam em um ciclo de alimentação e reprodução. Vale

ressaltar que lançar inseticidas em esgotos não mata esses animais, apenas faz com que migrem para outras áreas, se escondendo em entulhos. Quando há um alagamento, os escorpiões se abrigam dentro das casas, por isso, ocorrem os acidentes.

SERVIÇO

Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses - localizado à Avenida Walfredo Macedo Brandão, nº 100, Bancários. O serviço disponibiliza os telefones 3218- 9357 e 3214- 5718 Disque Dengue para atendimento à população. Em casos mais graves, a equipe de Vigilância Ambiental realiza uma visita, mediante agendamento prévio.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

COM APOIOS IMPORTANTES, EFRAIM FILHO SE TORNA UM DOS MAIS COMPETITIVOS NA DISPUTA PELO SENADO

Além do próprio capital eleitoral que tem no Sertão da Paraíba, a partir do seu principal reduto eleitoral, Santa Luzia, o deputado federal Efraim Filho (foto), está computando o capital político de colegas do parlamento, com igual influência na região, para pavimentar seu projeto político de eleger-se senador, em 2022. Para isso, está articulando o apoio de Hugo Motta (Republicanos) que, a partir de Patos, cujo prefeito é o seu pai, Nabor Wanderley (Republicanos), tem uma base sólida no Sertão. No Agreste, sobretudo no segundo maior colégio eleitoral da Paraíba, Efraim Filho está, digamos assim, formatando uma parceria que envolve gesto de reciprocidade: terá o apoio – já declarado pelo próprio – do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) e, em contrapartida, abrirá sua base para Ana Cláudia (Podemos), esposa do senador, que é pré-candidata a deputada federal – a propósito, na eleição de 2018, ela ficou na primeira suplência, tendo obtido pouco mais de 45 mil votos. Há que se dizer que essa mesma lógica de reciprocidade se aplica em relação a Hugo Motta, que é candidato à reeleição. Com o apoio de Veneziano e Hugo, não é prematuro dizer, Efraim, que é o líder do Democratas na Câmara dos Deputados, se torna um forte concorrente – senão o mais competitivo – para a única vaga do Senado em disputa. E há outro fator que lhe dá mais poder de articulação para costurar apoios à sua postulação: continuará como coordenador da bancada federal paraibana no Congresso até o final deste ano.

Foto: Divulgação



APOIO DO MDB

O eventual apoio de Veneziano Vital do Rêgo à pré-candidatura de Efraim Filho ao Senado – ele teria anunciado essa possibilidade, em entrevista no município de Cajazeiras – representará um grande trunfo para o deputado do Democratas: em tese, significaria a anuência de todo o MDB a essa postulação, partido presidido pelo senador.

EXEMPLO A SER SEGUIDO (1)

A inclusão de portadores da Síndrome de Down com mais de 18 anos entre os grupos prioritários para a vacinação contra a covid-19, em João Pessoa, ganhou repercussão nacional. Sobretudo após o senador Romário (Podemos), que tem uma filha nessa condição, apelar, via Instagram, para que outros municípios sigam este exemplo.

EXEMPLO A SER SEGUIDO (2)

Romário citou que portadores da Síndrome de Down devem estar entre os grupos prioritários por causa de comorbidades associadas às suas condições: "Cerca de 3 mil pessoas preenchem esse grupo prioritário. Muitos apresentam quadro de saúde vulnerável à Covid. É comum que pessoas com Síndrome de Down tenham cardiopatias".

PROJEÇÃO DE QUEDA

Secretário de Saúde da Paraíba, Geraldo Medeiros projeta que, a partir do dia 20 de abril, ocorra redução significativa no número de casos e de óbitos por covid-19. Essa queda, de acordo com ele, deverá ocorrer por causa das medidas adotadas pelo Governo do Estado no que diz respeito à antecipação dos feriados. As medidas de isolamento social, contudo, precisam ser mantidas, ressaltou.

EM SEGUNDO LUGAR

A Paraíba é o segundo estado do país no que tange ao número de vacinados. Para Geraldo Medeiros, isso é fruto do empenho da Secretaria Estadual de Saúde em conjunto com as pastas municipais e com os profissionais que atuam na linha de frente no combate à covid-19. A Paraíba aplicou mais de 450 mil doses dos imunizantes contra a doença.

MURILO GALDINO DEVERÁ DISPUTAR VAGA NA ALPB

Com a iminente candidatura de Adriano Galdino (PSB) a deputado federal, na eleição do próximo ano, seu irmão, Murilo Galdino (Cidadania), deverá herdar o capital eleitoral do presidente da ALPB para disputar vaga no Legislativo estadual. Atualmente, Murilo responde pela condução da Secretaria Estadual de Articulação Política.

Nivaldo Magalhães,
diretor presidente da Empaer

Políticas públicas voltadas para o homem do campo

Paraibano, que também comanda a Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência e Extensão Rural, é responsável por defender os interesses da agricultura familiar

Nivaldo Magalhães foi reeleito, por unanimidade, para presidir a Asbraer no biênio 2021-2023

Foto: Edson Moises

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

A Paraíba está entre os menores estados do país, mas essa característica fica apenas na geografia. Quando o assunto é agricultura familiar e produção rural, a pequena Paraíba se torna grande e é um paraibano que comanda a Associação Brasileira das

Entidades Estaduais de Assistência e Extensão Rural (Asbraer). Nivaldo Magalhães foi reeleito, por unanimidade, para presidir a entidade no biênio 2021-2023.

O paraibano – natural de Ibiara, no Sertão do estado – também é diretor presidente da Empresa Paraibana de Pesquisa Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer),

que coordena todas as ações voltadas para as atividades rurais nas 223 cidades paraibanas, como a implantação das políticas públicas do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) e a execução dos programas do governo estadual, em parceria com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca.

Nivaldo é o responsável por defender os interesses da agricultura familiar, buscar meios de desenvolver a zona rural não só dos municípios paraibanos, mas também das 5.570 cidades brasileiras. É através de seu comando à frente da Asbraer e Empaer que é possível promover o acesso das políticas públicas voltadas para

quem trabalha no campo, seja plantando ou criando algum animal. Mesmo com a pandemia e crise financeira que assola todo o país, Nivaldo vem conseguindo manter o superávit da Asbraer, que em 2020 foi de R\$ 430 mil. Esse resultado é fruto de ações inovadoras e concretas que foram implantadas para levar aos agricultores e

pecuaristas do país projetos sustentáveis.

O Jornal A União conversou com o paraibano e ele explicou o trabalho da Asbraer para fomentar a economia agrícola do país e suas expectativas para a nova gestão. Ele ainda falou sobre seu trabalho na Empaer e a importância dessas entidades para o setor rural da Paraíba e do Brasil.

A entrevista

Qual o papel da Asbraer para fomentar o desenvolvimento da agricultura no país?

A Asbraer faz o elo entre as entidades públicas estaduais de assistência técnica, o Governo Federal e empresas privadas. Então, sobre a nossa coordenação da Asbraer, negociamos recursos com o Ministério da Agricultura, como no final do ano passado que através da secretaria de Agricultura familiar, conseguimos recursos de R\$ 2 milhões para cada estado brasileiro, para serem usados na aquisição de veículos e implantação do projeto digital 4.0 que informatiza todas as Emater do país. Temos participação na execução o Pronaf, do Garantia Safra, na emissão da declaração de aptidão, no PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), no PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar); em vários estados a Asbraer também participa do Procace (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú). Na Paraíba, cuidamos da área de assistência técnica do projeto Cooperar, também atuamos no projeto Dom Helder, que envolve mais de R\$ 100 milhões de reais para o desenvolvimento da agricultura familiar no Nordeste, foi a Asbraer que negociou com o Governo Federal a liberação dessa verba, que beneficia agricultores dos nove estados da região e Norte de Minas Gerais, em que os agricultores recebem também o fomento agropecuário. Então, nosso pequeno estado da Paraíba vem se tornando tão grande, estando à frente desse trabalho por todo o país e até coordenando convênios internacionais feito com países do Mercosul, em parceria com a Embrapa, Empaer e Abrapa, como é o caso da comercialização do algodão orgânico produzido nas cidades paraibanas, em que estamos recuperando a cultura do nosso 'ouro branco'. A Asbraer tem uma finalidade de coordenar e articular a assis-

tência pública em todo o país, ela tem associados nos 26 estados e Distrito Federal. É uma entidade com autonomia financeira, estamos presentes com escritórios de assistência técnica em cinco mil cidades espalhadas pelo país, temos mais de 15 mil extensionistas associados. Nossa entidade foi criada para enfrentar desafios e desobstruir obstáculos e construir caminhos para a extensão rural.

O senhor foi reeleito ao cargo de presidente, quais as próximas ações para este novo mandato?

Essa reeleição foi uma vitória não somente nossa, mas de todo o Estado da Paraíba que acaba se destacando em todo o país, no âmbito da extensão rural e produção agrícola familiar. Em 2019, tivemos a minha candidatura lançada pelo estado de Santa Catarina (SC) e aí fomos eleitos por unanimidade e esse feito ocorreu novamente, em que fomos reeleitos para o biênio 2021 a 2023. Estar, mais uma vez, à frente dessa entidade tão importante para o país é poder representar uma associação que defende a assistência técnica rural para todos os 5.570 municípios brasileiros. Nossos desafios são constantes, mas temos muita expectativa de poder continuarmos aprovando os recursos do Plano Safra para o setor de assistência técnica, a manutenção e ampliação das parcerias voltadas ao homem campo. Entre as ações para essa nova gestão, também defendemos as alterações na Lei da 12.188/2010 – que é a lei da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária (PNATER) – que visa melhorar e ampliar os programas para os agricultores e uma melhor distribuição de terra. Essas serão nossas lutas constantes no Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). Em nossa primeira gestão, criamos o

programa 'Conexão ATER Brasil', que é um intercâmbio entre os estados para que as experiências de sucessos de cada um possam ser difundidas aos demais estados brasileiros. Por exemplo, o estado do Pará tem uma deficiência para criação de rebanho bovino e o Rio Grande do Sul tem uma larga experiência com isso, então a Asbraer os técnicos, em parceria com a Emater-RS, levam essas experiências para o Pará. Nós já iniciamos essa troca na parte teórica, com capacitação virtual para 50 técnicos paraenses sobre a cadeia produtiva do leite, mas devido à pandemia a prática foi adiada. Vamos fortalecer na prática e essas ações são coordenadas e bancadas pela Asbraer. Então, os técnicos do Rio Grande do Sul já fizeram capacitação virtual para 50 técnicos do Pará sobre a cadeia produtiva do leite, incentivando a bovinocultura naquele estado. E assim que passar essa pandemia, nós iremos fazer a conclusão com a parte prática. Essa troca de experiências será feita em todo o Brasil. Recentemente, o estado de Alagoas começou a buscar experiências de crédito rural e fundiário aqui na Paraíba, vamos fazer essa troca dentro do programa 'Conexão ATER Brasil'.

Como funciona o trabalho da Empaer na Paraíba?

Nós podemos dizer que através da Empaer o Estado da Paraíba é um modelo de sucesso e sou muito grato ao governador da Paraíba, João Azevêdo, por ter criado essa empresa, que tem apenas dois anos de existência. Temos a responsabilidade de coordenar as assistências técnicas que são dadas ao pequeno agricultor de forma gratuita. Aqui na Paraíba a Empaer trabalha diretamente em 53 municípios e presta assistência a quase três mil agricultores, desses contemplados mil estão recebendo um subsídio de R\$ 2.400 do projeto Dom Helder, para executar

um quintal produtivo, com a criação de cabra leiteira, galinhas, porcos, transformando sua pequena párea em um empreendimento, gerando receita para suas famílias. O Governo do Estado tem uma secretária específica da Agricultura Familiar, em que a Empaer atua com cooperação técnica no Procace, no projeto Cooperar, no PAA e no Garantia Safra. Somos nós que fazemos as declarações de aptidão, em que nossos técnicos estão indo nos sítios seguindo todos os protocolos de segurança contra a covid-19. Mesmo com a pandemia, estamos dando andamento aos programas de assistência rural.

Quais as parcerias desenvolvidas pelas duas entidades: Empaer e Asbraer?

A Asbraer tem uma importante parceria com a Empaer no projeto algodão orgânico, desenvolvido pelos países do Mercosul, em que somos referência como o maior produtor do branco e colorido do Brasil, um plantio de 450 hectares. Há cerca de cinco anos estamos recuperando a cultura do algodão na Paraíba. Fazemos um trabalho consistente e a Empaer resta diariamente monitorando, em parceria com a Embrapa, contribuindo com a geração de emprego e renda no campo. Só em 2020, mesmo com a crise e pandemia, 356 agricultores familiares de 63 municípios paraibanos produziram cerca de 322 toneladas de algodão. Elaboramos também o projeto de recuperação da cajucultura na Paraíba, para implantarmos um milhão de mudas de caju em diversas cidades paraibanas. Faremos a revitalização dessa cultura, porque essas castanhas que a gente compra ao passar pelas rodovias estaduais não são daqui, vem do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. Praticamente foi dizimada a plantação de caju aqui no estado, nós chegamos a ter 14 hectares, depois caímos para 4 hectares e, atualmente,

se muito tivermos são dois hectares. Então, temos esse projeto amplo e ambicioso para recuperar, de uma só vez, cinco mil hectares. Como se trata de mudas de caju enxertados em dois anos já teremos frutos. Recentemente já iniciamos a implantação de mais de 50 hectares nos municípios de Bernardino Batista, no Sertão paraibano, e em Mari, Zona da Mata paraibana.

Qual o papel da agricultura familiar nesse período de pandemia?

Mesmo em meios ao caos dessa covid-19, não paramos as ações para fortalecer a agricultura familiar, que tem sido muito importante nesse período de crise, ela representa 73% de toda a produção do país. A produção agrícola dessas famílias tem sido o maior exemplo de resistência e sobrevivência nessa pandemia. Se você chegar em qualquer um dos mais de 100 mil imóveis rurais da Paraíba vai encontrar todos eles produzindo, graças aos incentivos técnicos da Asbraer e Empaer que auxilia no plantio, colheita e comercialização dos produtos. Um grande exemplo é a feira no pátio da Empaer, em Cabedelo, que acontece todas as sextas-feiras. Lá, mais de 70 famílias trazem seus produtos direto do campo e vendem sem intermediários aos consumidores. Essa feira é realizada com todos os protocolos de segurança contra a covid-19, temos ainda mais 84 feiras da agricultura familiar por todo o estado.

A Empaer é responsável pelo programa de distribuição de sementes na Paraíba, como está sendo essa distribuição e para quais regiões do estado?

A Empaer faz essa distribuição de sementes pelos municípios paraibanos e eu quero fazer uma ressalva para a participação do secretário Efraim Moraes que nos incumbiu de cumprir a de-

terminação do nosso governador João Azevêdo, que é fazer com que as sementes cheguem aos agricultores antes que a chuva comece. Temos parcerias com vários municípios que fazem o corte da terra para os agricultores e o governo estadual tem sido primordial na aquisição de 36 toneladas de milho e feijão. Temos três polos de distribuição: João Pessoa, Esperança e São Mamede, que fazem a distribuição para as demais cidades. Com esse trabalho de otimizar a distribuição, a Paraíba começa a bater recorde de produção, porque a semente chega quando a terra está pronta para plantar. Inclusive, nesse momento, mesmo com a pandemia, estamos a todo vapor fazendo a entrega pelo Sertão e Alto Sertão; são distribuídos de 3kg a 10kg de semente sem modificação genética para cada agricultor.

Quais outros projetos que a Asbraer e Empaer atuam na Paraíba?

As duas entidades caminham juntas também no programa de vacinação contra a febre aftosa, da secretaria estadual de agricultura, em que nossos técnicos auxiliam os produtores de leite. Temos uma parceria com o Governo do Estado para a recuperação da palma forrageira na Paraíba, serão investidos mais de R\$ 6 milhões. A Empaer será responsável para seleção dos agricultores e execução do programa nos municípios com projetos de irrigação. Outro projeto que fazemos parte é na cultura do abacaxi do estado. A Paraíba é o segundo maior produtor do país, temos o melhor abacaxi. Trabalhamos para contemplar o agricultor, acompanhando seu plantio, as perdas na propriedade e temos parceria com o programa Agroamigo, do Banco do Nordeste, linha de crédito para os que nossos agricultores possam melhorar sua produção. A Empaer é uma casa do agricultor na cidade.



A Páscoa e os renascimentos diante dos desafios da vida

Na data da celebração pascoal, histórias de pessoas que enfrentaram e venceram momentos difíceis com fé e esperança

Sara Gomes
saragomes@epc.pb.gov.br

A Semana Santa encerra hoje com o tradicional Domingo de Páscoa. Essa celebração cristã relembra a crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Palavra de origem hebraica, a Páscoa significa a passagem da morte para vida eterna. Por isso, muitas pessoas aproveitam o período para refletirem sobre suas vidas, renovando a fé e esperança de uma vida nova. Para algumas delas, a Páscoa representa um verdadeiro renascimento.

A professora de educação física Monalisa Santos, 35 anos, contraiu o novo coronavírus em abril do ano passado. Ela começou a apresentar sintomas de uma virose (febre, coriza, dor no corpo) mas a partir do quinto dia, sentiu falta de ar e ausência de paladar. Seu marido também teve co-

vid-19, mas não apresentou falta de ar.

Como a professora teve covid-19 no início da pandemia, o acesso à informação e atendimento médico eram bem mais difíceis, até a quantidade de testes disponíveis era limitada no município de João Pessoa.

“Eu cheguei a ir à UPA, mas não consegui ser atendida, então, fizemos o plano de saúde da Unimed, pois dava direito à emergência. Fiz vários exames, inclusive, a tomografia de pulmão, detectando 50% de comprometimento”, contextualizou.

Monalisa ficou internada 14 dias, sendo 12 respirando com a ajuda do balão de oxigênio. “Tiveram dias que o meu estado de saúde estava crítico. Eu fiquei sem força até para colocar comida em minha boca, então minha família contratou uma enfermeira para me auxiliar em tudo. A médica queria me levar para a UTI, mas eu pedi

para aguardar mais uns dias. O meu medo era ser entubada e não voltar”, desabafou.

Monalisa se curou da covid-19, mas teve sequelas tendo que fazer fisioterapia respiratória durante quatro meses. Após ter ficado à beira da morte, a professora de educação física passou a valorizar ainda mais a vida.

“Enquanto eu estava no hospital, entreguei o meu destino nas mãos de Deus, pedi muito a ele que me tirasse de lá. Eu sinto que Deus me deu uma nova chance de viver e de ser uma pessoa melhor. Quando a gente fica entre a vida e a morte, começamos a dar valor ao que realmente importa como nossa fé, família e amigos, então, hoje consigo interpretar a vida de outra forma, valorizando cada momento. O resto, a exemplo de problemas e bens materiais, se torna supérfluo diante da grandeza de estar vivo”, disse emocionada.

“Decidi não interromper a minha vida”

A enfermeira obstétrica Morganna Guedes, 32 anos, também teve uma nova chance de viver. Ela foi diagnosticada com câncer (Linfoma de Hodgkin), aos 23 anos, quando ainda estava na graduação.

“Eu senti um nódulo no pescoço e procurei atendimento na emergência de um hospital. A minha sorte foi que a médica do plantão era oncologista. Ao me examinar levantou três suspeitas: tuberculose, HIV ou câncer, solicitando vários exames no hospital, inclusive, uma tomografia. Meu coração sentia que era câncer”, relembrou.

Morganna reagiu com tanta maturidade que a oncologista perguntou se ela tinha entendido a gravidade do diagnóstico.

“Após a confirmação do tumor, a médica informou como seria o procedimento e me encaminhou para alguns serviços de saúde, no entanto, ela estranhou a minha tranquilidade e perguntou: ‘Você está compreendendo tudo que eu disse? Então respondi: se eu me desesperar vai ser pior’, contou.

No outro dia comunicou

“Tinha dias que eu não me sentia bem devido aos efeitos colaterais. Outros, pegava minha moto e corria para a universidade. Como eu não sabia se sobreviveria ao câncer, decidi não interromper nada na minha vida, ia para festa, congresso da universidade. Inclusive, fui a primeira da turma a entregar o TCC.”

a família e iniciou o tratamento. A enfermeira obstétrica relembra que o mais desafiador era fazer sessões de quimioterapia em um intervalo curto de tempo, porém enfrentou a doença, continuando sua vida normalmente. “Tinha dias que eu não me sentia bem devido

aos efeitos colaterais. Outros, pegava minha moto e corria para a universidade. Como eu não sabia se sobreviveria ao câncer, decidi não interromper nada na minha vida, ia para festa, congresso da universidade. Inclusive, fui a primeira da turma a entregar o TCC”, comemorou.

Morganna costuma dizer que a felicidade trouxe sua cura, pois sempre foi uma pessoa otimista. Ao olhar para trás e avaliar tudo que passou, ela considera o câncer uma experiência positiva.

“Foi através dele que pude observar as falhas na assistência médica, despertando em mim a vontade de ser uma profissional cada vez melhor. Infelizmente, vi muitos colegas de quimioterapia morrendo ou tendo o seu estado de saúde avançado. A gente renasce quando conseguimos manter a saúde mental equilibrada e para isso precisamos ter motivações: a fé em Deus, a minha família e o futuro profissional foram as minhas. Graças a Deus estou aqui para contar essa história”, concluiu emocionada.



Foto: Acervo pessoal

Monalisa e sua família tiveram covid no início da pandemia. Ela se sente grata a Deus pela nova oportunidade de viver



Foto: Acervo pessoal

Enfermeira obstétrica Morganna Guedes decidiu lutar e venceu a batalha contra um câncer diagnosticado quando ela tinha 23 anos

PROGRAMAÇÃO NAS DIOCESES

A Paraíba possui cinco dioceses: A Arquidiocese da Paraíba, que abrange a capital e vários municípios do Litoral, a de Guarabira, Campina Grande, Patos e Cajazeiras, todas elas coordenando as ações da Igreja Católica em municípios que estão em sua região.

Arquidiocese da Paraíba – O arcebispo Dom Manuel Delson presidirá a celebração do Domingo de Páscoa, às 9h, na Catedral Basílica Nossa Senhora das Neves, que será transmitida através do canal da arquidiocese no YouTube.

Diocese da Paraíba – A Diocese também está realizando celebrações transmitida pela internet, sem a presença de fiéis. Para o Domingo de Páscoa, o povo seja orientado a manifestar sua alegria e confiança no Senhor Ressuscitado preparando, onde possível, um pequeno altar na frente de sua residência, estabelecimento comercial, janela ou sacada de seu apartamento.

Diocese de Campina Grande – O arcebispo Dom Dulcênio celebra na Catedral às 10h. A celebração será transmitida por uma emissora de rádio e de TV da cidade. Também não haverá a presença de fiéis. Apenas o Conselho Presbiteral, isto é, pequeno grupo de padres que tem a finalidade de prestarem auxílio ao bispo no governo da Diocese, estará presente.

Diocese de Patos – A celebração da Missa da Páscoa na Ressurreição do Senhor ocorrerá às 19h. A cerimônia religiosa será transmitida pela Pascom Catingueira através do Facebook. A missa não contará com a presença de fiéis devido às medidas de prevenção à pandemia. Para os municípios fora das bandeiras laranja e vermelha, uma série de medidas serão tomadas para garantir a segurança sanitária, como a presença de, no máximo, 30% dos fiéis.

Diocese de Cajazeiras – A Missa da Ressurreição do Senhor deverá ser celebrada de forma sóbria e solene, observando as normas de prevenção à covid-19 já estabelecidas. Neste dia, após um momento de adoração, os sacerdotes deverão conceder a bênção com o Santíssimo Sacramento da porta da Igreja Matriz para toda a Paróquia. As missas não terão a presença de fiéis.



+ Vitória de Cristo sobre a morte

A partir da Quarta-feira de Cinzas a Igreja Católica se prepara para a Semana Santa através da Quaresma. A igreja fica representada pela cor litúrgica roxa, que significa tempo de conversão, reflexão profunda, renovação da fé.

De acordo com o padre Jairo Neves, da paróquia São José, no José Américo, a Páscoa significa a vitória de Cristo sobre a morte. Traçando para os dias atuais, se uma pessoa passou por situações difíceis e conseguiu ressignificar sua vida,

pode ser considerado uma Páscoa.

“Sempre que passamos por alguma adversidade e conseguimos superá-la, afloramos em nós o sentimento de renovação da vida, fazendo uma passagem de uma realidade triste para uma vida nova. Atualizando a palavra de Deus para a nossa vida, se uma pessoa se curou de um câncer, sobreviveu a um acidente de carro ou venceu a covid-19, atribuímos o sentido da Páscoa, pois o indivíduo renovou a esperança e fé em Cristo”, elucidou.

Mal de Parkinson: a doença que destrói a personalidade

Doença degenerativa atinge o sistema nervoso central e é mais comum entre pessoas com idade acima de 65 anos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A doença de Parkinson evolui progressivamente, aparece comumente entre os idosos e atinge cerca de oito milhões de pessoas no mundo, sendo 200 mil somente no Brasil. O Dia Nacional do Parkinsoniano é lembrado neste domingo, e segundo o neurologista Alex Meira, 1% desses pacientes fazem parte da população acima de 65 anos de idade.

“Mas isso não significa dizer que ela não ocorra em pessoas jovens, na faixa dos 20 ou 30 anos. É muito raro, mas é possível. Quanto mais precoce aparece a doença, mais a explicação para as causas está na alteração genética”, frisou. O especialista contou que nos idosos, a causa genética é responsável por apenas por 1% dos casos, já no público jovem ela responde por cerca de 80%.

O mal de Parkinson é a

segunda doença degenerativa mais comum, perdendo apenas para o Alzheimer. Entre os sintomas estão o tremor de repouso (que ocorre quando nenhum movimento está sendo executado), lentidão e rigidez dos movimentos, postura inclinada para frente, dificuldades para caminhar, falar e andar.

O tremor é gradual, afeta frequentemente os dedos ou as mãos, mas também pode atingir o queixo, a cabeça ou os pés. O paciente também pode apresentar problemas do sono e de cognição.

Ainda não há cura para a doença, porém, o cuidado dos sintomas pode retardar a chegada da fase mais grave. Segundo Alex Meira, o intervalo entre o estágio leve até o mais crítico pode demorar 20 anos. O tratamento é medicamentoso, mas também pode ser associado a ações de reabilitação como fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e atividade física.



Foto: Pexels

Mal de Parkinson tem como sintomas tremores que vão se tornando mais frequentes; a doença não tem cura, mas uma vida saudável ajuda a retardar a sua evolução

+ Experiência na família

Com pouco mais de 50 anos de idade, um dos gerentes de uma antiga empresa de jeans de João Pessoa, Antonio Coelho, apresentou os primeiros sinais da doença de Parkinson. Mas os sintomas eram sutis e ele continuou mantendo sua vida laboral. Com o passar do tempo, os tremores, os problemas para dormir e de cognição foram se agravando, e os medicamentos já não eram tão eficazes em alguns momentos.

“A medicação ajudava em uma coisa e complicava outra. Ajudou a controlar os tremores, mas, às vezes, ele ficava muito tempo quieto, como se tivesse travado. Bastava a gente tocar nele, que voltava a se mexer por causa da questão neurológica”, confessou o filho de Antonio, o funcionário público Fábio Eduardo.

Ele contou que o pai conviveu por cerca de 20 anos com a doença, mas faleceu aos 72 anos. Além do Parkinson, seu Antonio teve outras complicações, como pneumonia. Na fase mais grave da doença, Fábio Eduardo recorda que a família tinha de ficar vigilante para ele não se machucar ou não agir de forma “impensada”. “Meu pai ficava muito calado. Às vezes, tinha alucinação, acho que era devido à medicação. Via coisa que não existia, e a gente sempre tentava conversar com ele, acalmá-lo quando ficava nervoso”, declarou Fábio.

O neurologista Alex Meira afirmou que a presença da família é bastante significativa para o paciente. “É muito importante o apoio e compreensão da família, que deve ajudar também na reabilitação”.

Hábitos saudáveis combatem evolução do mal

O neurologista Alex Meira afirmou que hábitos saudáveis combatem a evolução da doença ou até podem contribuir para que ela não apareça. A manutenção de um cérebro sempre ativo, a prática da atividade física e uma alimentação balanceada são aliados importantes no combate ao parkinson.

Essas recomendações valem também para outros males degenerativos como Alzheimer e Acidente Vascular Cerebral (AVC). Para o neurologista, exercitar o corpo é um dos benefícios mais importantes para o bem-estar das pessoas. “Na minha opinião, o exercício físico é o fator que melhor ajuda a evitar uma doença neurodegenerativa. A outra orientação é a boa alimentação”, alertou.

No dia a dia, é importante optar por alimentos naturais, ficar

longe dos produtos industrializados e consumir o mínimo de carboidrato, que possui potencial inflamatório. A ingestão de saladas, frutas, legumes e água é muito bem-vinda.

Exercitar a mente é imprescindível para estar com a saúde em dia. Por isso, o especialista orienta a adoção de atividades manuais, leitura, o aprendizado de um jogo ou idioma novo, entre outras práticas que desafiem o cérebro.

Causa da doença

A doença de Parkinson ocorre por causa da degeneração do sistema nervoso central. Está associada à redução da produção de dopamina, substância que conduz as correntes nervosas (neurotransmissores) ao corpo. A falta ou diminuição da dopamina afeta a coordenação e movimentos comuns a todo indivíduo. A grande

barreira para se curar a doença está na própria genética humana, pois, no cérebro, ao contrário do restante do organismo, as células não se renovam.

Progressão

O diagnóstico da doença de Parkinson, segundo o Ministério da Saúde, é feito com base no relato clínico do paciente e no exame neurológico. O histórico de quem é acometido por esse mal consiste num aumento gradual dos tremores. A progressão é muito variável e desigual entre os pacientes.

Em geral, a doença possui um curso vagaroso, regular e sem rápidas ou dramáticas mudanças. A lentidão de movimentos é, talvez, o maior problema para o parkinsoniano, embora esse sintoma não seja notado por outras pessoas.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Um louco contra a ditadura

João Pessoa, como toda cidade, teve e tem seus doidos, personagens folclóricos, tipos populares que ainda hoje são lembrados. Quem não se lembra de Pão de Bico, Açoite, Vassoura, Tenente da Gelada, Caixa D'água e Mocidade? Pois é do Mocidade que quero falar, depois de ler sua biografia escrita pelo jornalista Gilvan de Brito.

Mocidade apareceu por aqui ninguém sabe de onde. Ele diz que nasceu em Sousa, mas ninguém jamais conheceu um parente seu. Sabe-se que desde 1937, Mocidade já andava pelas ruas de João Pessoa como garoto de rua. Em 1944, ele era lavador de carros no Ponto de Cem Réis. No ano seguinte, podia ser encontrado nos palanques e bancos de praça, defendendo a legalidade contra o nazismo e o fascismo. Virou tribuno do povo. Onde tivesse gente e um banquinho, Mocidade mandava ver o verbo.

E foi assim até morrer, em 1981. Esbravejou contra o Estado Novo de Getúlio Vargas, lutou pela redemocratização na Segunda República e combateu os militares na fase negra da ditadura castrense. Ficou famoso, pois, mesmo analfabeto, aprendeu a discursar com a garra e o lirismo de oradores do naipe de Alcides Carneiro e outros políticos, de quem absorveu o estilo. O povo dizia que Mocidade falava melhor do que todos os deputados da Assembleia Legislativa. Começava seus discursos com a frase: “Mocidade de minha terra!... Daí o apelido.

Mocidade dizia se chamar João da Costa e Silva. Depois, descobriu-se que o verdadeiro nome dele era João Silva da Costa. Perguntado se era parente do general Costa e Silva, Mocidade despistava: “ele anda espalhando que é meu parente, mas não

dou certeza”. As peripécias de Mocidade estão no livro “O Anjo Torto”, de Gilvan de Brito, publicado em 1985. Vivia entre os políticos, era amigo do governador João Agripino, mas sempre com o espírito de rebeldia contra os poderosos, sempre em defesa das causas populares.

Dizem que todo louco é um gênio enrustido. Mocidade era assim, um sujeito sem boa saúde mental, mas altamente criativo e inteligente. Vivia nos palanques dos políticos e, nos momentos de crise, entre os loucos dos pavilhões psiquiátricos. Seu tema era sempre a democracia, os ideais de liberdade. Na ditadura, quando todo mundo morria de medo da repressão brutal dos militares, Mocidade ia para as ruas meter o pau nos gorilas e outros tiranos civis. Pela coragem, era identificado com a opinião pública. Segundo o historiador José Octávio de Arruda Melo, ele chegou, em determinado momento da vida da cidade, a representar a consciência do povo paraibano.

Sempre presente nos comícios, festas cívicas ou atos de protesto, Mocidade estranhou o silêncio da cidade no dia 13 de dezembro de 1968, quando o governo baixou o Ato Institucional nº 5, que deu aos militares poderes ilimitados para agir de acordo com seus interesses e reprimir o povo brasileiro. Sem ambiente para protestar no centro da cidade, Mocidade foi para a Lagoa e subiu num banco da praça, fazendo um dos mais violentos discursos de que se tem notícia, criticando os militares e o AI-5. Depois, correu para se esconder na Praça do Bispo que se encontrava no escuro. A polícia andou atrás dele, sem encontrar. No dia seguinte, o comentário no Ponto de Cem Réis era o protesto solitário de Mocidade, substituindo a ação

que deveria ter sido feita pelos políticos de oposição, naquele momento escondidos com medo das garras ferozes dos militares golpistas.

No auge da ditadura, fins da década de 60, a polícia baixou o pau nos estudantes que protestavam no parque Solon de Lucena. Indignado diante da violência policial, Mocidade subiu num banco de pedra e discursou, ironizando os militares. Uma frase desse discurso: as medalhas dos generais valiam tanto para ele como as tampinhas de Coca-Cola, símbolo do imperialismo americano sobre o Brasil. “Isso é um Exército desmoralizado! Onde já se viu bater em estudante? A única vitória que conquistou foi na Guerra do Paraguai, combatendo os meninos paraguaios, que só tinham pedra e cacete”, vociferava Mocidade. Desta vez não conseguiu escapar da prisão, onde passou alguns dias.

Mocidade foi preso muitas vezes, depois de discursar criticando as “autoridades”. Simbolizava independência e liberdade, e sempre foi uma grande figura humana. “Na verdade, Mocidade é o próprio povo paraibano, as suas angústias, sua incoerência, suas frustrações...” admite Gilvan de Brito. Em uma rara entrevista, Mocidade abriu seu coração:

– O povo vive alienado. Não participa. Eu participo. Eu sou o povo. Sou eu quem grita em praça pública contra as injustiças, as misérias sociais, a exploração. E sou eu também quem sofre as consequências, quem vai preso, quem paga pelo povo.

– Quantas prisões, Mocidade?

– Cada discurso, uma cadeia...

Uma frase famosa de Mocidade: “Na Paraíba, pra ser doido precisa ter juízo”.

COB atua no enfrentamento ao racismo

Comitê Olímpico Brasileiro realiza curso sobre o tema, obrigatório a todos os atletas olímpicos

Curso, que será lançado no dia 6 de abril, terá como palestrante principal a professora e filósofa Djamila Ribeiro



Foto: Divulgação/PUC

Felipe Rosas Mendes
Agência Estado

Ygor Coelho lembra com clareza das vezes em que deu “susto” em pessoas nos clubes mais tradicionais de São Paulo. Certa vez estava na fila da lanchonete. Uma senhora olhou para trás e não escondeu o preconceito. “Nossa, pensei que fosse um bandido”, disse ela ao perceber a raqueteira nas costas do atleta negro. Ygor é a principal referência brasileira no badminton e estava competindo no clube.

Atos de discriminação se repetiram em outros clubes e bairros elitizados. “Estava andando na calçada em direção ao local de competição. Via pessoas entrando dentro de lojas de repente, um pouco assustadas. Dentro de um clube, vi um casal à frente, que mudou de trajeto quando me viu”, recorda o carioca de 24 anos, em entrevista ao Estadão.

Em todas estas situações, Ygor reagiu da mesma forma: “Fiquei paralisado, sem reação”. Para ele, a falta de reação se justifica em parte pela falta de informação sobre discriminação. “Estou aprendendo sobre racismo, acho que eu não sei muita coisa ainda sobre o assunto”, diz, apesar de sentir na pele a força do preconceito.

Diante da urgência do assunto, iniciativas ainda tímidas aparecem em diversas modalidades esportivas. Perto da Olimpíada de Tóquio, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) resolveu ir mais fundo. Criou um curso de enfrentamento ao racismo, a ser lançado no dia 6 de abril. Será obrigatório para qualquer brasileiro, seja atleta, membro de comissão técnica ou dirigente, que queira disputar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos deste ano.

“As práticas racistas não se sustentam mais. O racismo é algo que não é mais tolerado na nossa sociedade. Temos que trazer informação para que ele não ocorra mais, mesmo que seja de maneira velada. Sabemos que é desta maneira que ele

Estes gestos não são ações concretas no sentido de trazer uma mudança mais profunda. Mas elas jogam luz para a questão, faz com que as pessoas reflitam sobre isso

se apresenta geralmente. E às vezes até de maneira aberta”, diz Rogério Sampaio, diretor-geral do COB.

O curso terá duração de 30 horas e será totalmente online e gratuito. Será possível se inscrever no próprio site da entidade Trata-se de mais uma iniciativa do COB em combater a discriminação no mundo esportivo. Em março, a entidade lançou o curso de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso no Esporte, também em formato online.

“(A discriminação) Nunca dá para levar na boa. Racismo me deixa sem palavras. Acho que um curso pode proporcionar esse conhecimento, vamos entender como funciona. Tem coisas que estão dentro do nosso vocabulário, palavras e expressões, como a ‘coisa tá preta’... Se a gente se policiar, vamos viver num mundo melhor. Vamos ter voz”, comenta Ygor Coelho, que diz nunca ter sido alvo de racismo na Dinamarca, onde mora há quase três anos. Somente no Brasil.

O racismo foi um dos temas mais presentes no mundo esportivo nos últimos anos. Foram muitos os casos de discriminação, desde o caso da judoca Rafaela Silva até o goleiro Aranha, passando por flagrantes atitudes racistas dentro e fora de campo na Europa. E os jogadores brasileiros são alguns dos mais atingidos. Como reação, surgiram diversas manifestações contra o racismo. O piloto Lewis Hamilton e os jogadores da NBA protagonizaram os casos mais visíveis.

Para a professora Djamila Ribeiro, especialista

no assunto, estas manifestações são importantes para trazer o racismo aos holofotes. Mas não são o suficiente. “É importante se manifestar em jogos, por dar visibilidade ao tema, mas acho que é importante para, além disso, tomar ações concretas”, disse a filósofa em entrevista ao Estadão.

O curso sobre racismo teve como embrião Lives realizadas em agosto sobre o tema, com a participação de atletas da ativa e já aposentados e especialistas, como a professora e filósofa Djamila Ribeiro. Ela é a principal referência do curso, que terá também a participação da ex-ginasta Daiane dos Santos e do coordenador do Programa de Ciências Humanas e Sociais da Unesco, Fabio Eon. “Fiquei bastante feliz com o convite. É a primeira vez que dou um curso assim tão específico, voltado para o esporte”, diz a autora do best-seller “Pequeno Manual Antirracista” ao Estadão.

Djamila escreveu a apostila do curso junto do professor Tiago Vinícius. O material, que será recebido pelos alunos, será a base das aulas gravadas em vídeo. “Será tudo muito didático. Trazemos desde os primeiros conceitos, passando pelo que é o racismo estrutural, racismo recreativo. Trazemos também uma lista de atletas que se posicionam na questão racial, com ilustrações. Uma das pessoas homenageadas é a atleta Melânia Luz, a primeira mulher negra brasileira a competir nos Jogos Olímpicos”, explica.

Para a especialista, o curso vai trazer esclarecimentos sobre o racismo para negros e brancos, o que deve contribuir para a redução de casos de discriminação no esporte. “A apostila vai levar esse conhecimento para as pessoas que já estão tão acostumadas (com o racismo) que não se informam sobre. É importante denunciar e cobrar para que as pessoas se informem sobre racismo. Um dos capítulos do meu

manual é sobre isso: se a gente não se informa, não constrói intelectualmente reflexões críticas sobre isso e acabamos reproduzindo as mesmas práticas”

Sobre o futebol, ela explica como as manifestações no campo com gestos podem ajudar a transformar a situação. “Estes gestos não são ações concretas no sentido de trazer uma mudança mais profunda. Mas elas jogam luz para a questão, faz com que as pessoas reflitam sobre isso. E talvez um atleta, quando se posiciona e é muito famoso, faz com que as pessoas cheguem até os ativistas e intelectuais que estão falando sobre isso. Isso dá visibilidade para o tema e isso é fundamental. Claro que tem atletas, que além de se

posicionar desta maneira, tomam ações concretas. Pagam bolsas de estudo, nos EUA é comum. Muitos deles, como o LeBron James, tem projetos sociais. É importante se manifestar em jogos, por dar visibilidade ao tema, mas acho que é importante para, além disso, tomar ações concretas. Não ficar só na denúncia, sobretudo estas pessoas que tem condições econômicas mais favoráveis. O COB não revela números, por questões de confidencialidade, mas denúncias de racismo chegam ao seu canal de ouvidoria e são apurados pela área de Compliance e podem chegar ao Conselho de Ética. “O COB faz investigação e julgamento administrativos, o que pode ser crime é encaminhado para

o órgão público competente. Já aconteceram casos assim”, conta Nelson Valsoni, que alega não poder dar detalhes sobre os casos. Mas revela que, de 2019 para 2020, houve aumento de 25% na procura pelos canais de ouvidoria, tanto para denúncias de desvios éticos ou discriminação quanto para tirar dúvidas.

O Código de Ética da entidade prevê advertência, multa de R\$ 10 mil a R\$ 100 mil, suspensão por até cinco anos e até banimento do esporte olímpico para atletas e dirigentes que venham a ser condenados por racismo. “Não tenho dúvidas de que muitas vezes os negros foram prejudicados e tiveram dificuldades para se desenvolver no meio esportivo”, diz Rogério Sampaio.

Foto: Daiane/Reprodução



A ex-ginasta Daiane dos Santos também é uma das participantes do curso oferecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

É difícil imaginar que o Santa Cruz Recreativo Esporte Clube, de Santa Rita, hoje praticamente um time amador, fora das disputas do futebol profissional, tenha sido um clube temido pelo trio de ferro do futebol paraibano, Campinense, Treze e Botafogo. Mas isso aconteceu sim, por um pequeno período da história, mas precisamente 25 anos, porém, o suficiente para que o Tricolor Canavieiro se sagrasse bi-campeão paraibano e entrasse para a história do futebol do estado.

Fundado em 15 de abril de 1939, o Santa Cruz começou a brilhar em 1994, quando conquistou o título paraibano da segunda divisão. Até então, a grande glória do clube era ter revelado Mazinho, volante tetracampeão mundial pela Seleção Brasileira, em 1994.

O início do curto período de glória do Tricolor foi na administração do presidente Aldo Marinho, um empresário dono de empresa de ônibus da cidade, que decidiu investir pesado no clube. Ele assumiu prometendo levar o Santa Cruz ao topo do futebol paraibano, e logo no ano seguinte, em 1995, conseguiu.

O Santinha formou um time muito forte com alguns dos principais jogadores da Paraíba, e ainda foi buscar craques em outros estados, como o meia Betinho, por exemplo, que fez muito sucesso no Botafogo, mais tarde, e chegou a jogar inclusive no Fluminense do Rio de Janeiro.

Sob o comando do técnico Neto Maradona, o time atropelou os adversários, inclusive os grandes. Antes de conquistar seu primeiro título paraibano na divisão de elite, o tricolor dos canaviais conseguiu uma goleada histórica de 8 a 0 sobre o Socrero, de Monteiro. No dia 12 de agosto, o Santinha ergueu a taça e levou ao delírio os torcedores de Santa Rita. O sonho que parecia impossível, se tornou realidade.

Segundo o ex-craque Betinho, o segredo do sucesso do Santa Cruz estava no investimento alto em trazer e manter jogadores de alto nível, pagando em dia. "Foi o único time que joguei, em toda a minha carreira, em que recebi meu salário quinzenalmente. O elenco tinha craques como Salerno, Maurinho, Raminho, Nal, Nilo e um atacante de peso, que tinha vindo do Vasco da Gama, Cláudio José. Eu jogava na Vitória de Santo Antão de Pernambuco e tinha um convite para jogar no Santa Cruz de Recife,

quando chegou o empresário Aldo Marinho com o supervisor Bena e me fizeram uma proposta muito boa. Disseram que tinham planos para formar uma super equipe e eu acabei aceitando, vindo jogar em Santa Rita, em 1994, quando vencemos a segunda divisão", disse o atleta.

Até os adversários reconheciam a forma inovadora de administrar de Aldo Marinho na época. Ailton, ex-jogador do Botafogo naquele ano, confirma as palavras de Betinho. "O presidente, não só pagava em dia os jogadores do time dele, como também pagava os salários atrasados de grandes craques do Botafogo - que atravessava uma grave crise financeira na época -, para deixar o clube, e assim enfraquecer seu adversário mais forte. Era um estrategista", acrescentou.

"Pelo elenco que nós vimos, logo sabíamos que seríamos campeões da segunda divisão em 1994, quando voltei a jogar no time. Só não sabíamos o que aconteceria nos anos seguintes na primeira divisão. Era um time cascuado, de alto nível e com jogadores de muita experiência", disse Raminho, que na época deixou o Auto Esporte para jogar no tricolor.

Em 1996, com praticamente o mesmo time e alguns reforços, o Santa Cruz repetiu a dose e conquistou o bi-campeonato paraibano. Jogando dentro do acanhado Teixeira em Santa Rita, ou em qualquer outro estádio da Paraíba, o tricolor não respeitava ninguém, partia para cima em busca das vitórias, que entraram para a história do clube.

O campeonato de 1996 teve 2 turnos, e o Santa Cruz venceu o primeiro e o Botafogo o segundo. No triangular final, o Santinha goleou o Botafogo por 4 a 1, dentro de João Pessoa, e por 3 a 0, o Sousa, em Santa Rita. Nos jogos da volta empatou com os dois times, ambos por 1 a 1, e comemorou mais um título, aliás, o último de sua história na primeira divisão.

Daí em diante, o empresário Aldo Marinho deixou a presidência do clube, que começou a perder seus craques para outras equipes. O resultado disso foi que o temível tricolor dos canaviais voltou a ser um time pequeno, sendo rebaixado para a segunda divisão. Em 2000 ganhou a segunda divisão e retornou à elite do futebol paraibano. Em 2016 foi rebaixado outra vez, e pediu licença, se afastando de vez do futebol profissional. O Santa esteve presente em 31 edições do Campeonato Paraibano da divisão principal e 17 na segunda divisão.

Foto: Reprodução



Betinho, um dos jogadores mais importantes no bicampeonato do Santa

Santa Cruz-PB Campeão há 25 anos vive hoje no ostracismo

Tricolor de Santa Rita dominou as temporadas de 1995 e 1996 na primeira divisão e hoje está fora do futebol profissional



Foto: Reprodução/AcervoFutebolParaibano

Em pé: Nau, Tenente, Rogério, Edilson e Lúcio. Agachados: Zominha, Raminho, Conga, Marcelo Santos, Cláudio José, Betinho e Carlinhos Paraíba



Foto: TV Web Santa Rita

Betinho e Raminho, expoentes do elenco bicampeão de 1996, sendo entrevistados pela TV web Santa Rita, sobre as conquistas

+ Ailton Alves fala sobre reconstrução do clube

Hoje, o Santa Cruz é um clube mergulhado em dívidas, mas a nova gestão vem recuperando o clube e pretende disputar a divisão de acesso do futebol paraibano, além de voltar à primeira divisão, em um futuro próximo.

"Nós pegamos o Santa Cruz com um débito de R\$400 mil de dívida trabalhista. Vamos tentar parcelar essa dívida para pagar aos ex-atletas e treinadores do clube, que reclamam na Justiça. Estamos estruturando a sede e vamos passo a passo", disse o atual diretor de futebol, Ailton Alves.

Em relação à volta do futebol profissional, Ailton disse que a intenção é formar um time com jogadores bons e jovens. "Não adianta trazer medalhões que vem para cá, não jogam nada e botam depois o clube na Justiça do Trabalho. O time não pode parar. Só se paga uma dívida trabalhando. Hoje não temos ajuda da prefeitura, o pessoal antigo que colaborava está todo afastado, mas vamos passo a passo resolvendo tudo", disse Ailton.

Ailton reconhece que o retorno do clube às competições não será fácil. "Nós paramos em 2016 e hoje a FPF está cobrando R\$187 mil, o que eu não concordo. A presidente Michele Ramalho não gosta de ajudar time pequeno, mas eu já coloquei na Justiça e deposei em

juízo R\$12 mil, que é a dívida real, e ela já sabe disso. Vamos esperar o resultado. Eu não quero prejudicar o clube, nem a federação, eu quero o justo. O Santa Cruz está registrado na CBF. Espero a liminar para voltar à segunda divisão", concluiu o dirigente.

Foto: Reprodução/watsaap



Ailton Alves está trabalhando para que o Santa Cruz retorne às disputas profissionais



Foto: Divulgação

Obra analisa o isolamento social pela ótica feminina

Livro digital conta com textos de 64 mulheres jornalistas escritos nos primeiros meses de enfrentamento da pandemia

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Isolamento Social aborda a perspectiva feminina sobre o novo coronavírus a partir de relatos organizados por quatro mulheres: Kiára Fialho, Sandra Moura, Sônia Lima e Zezé Béchade, que realizaram o projeto de forma independente, com lançamento previsto para este mês, mas sem data definida. O livro digital conta com escritos de 64 mulheres jornalistas e deve incentivar, entre outros objetivos, a identificação entre mulheres para aspectos como os emocionais, enfrentados neste período. Os relatos foram escritos de forma livre, embarcando nos gêneros como crônica e artigo jornalístico, desenvolvidos entre os meses de maio e agosto de 2020.

Sandra Moura, uma das organizadoras da obra, recorda a ideia partida de um grupo virtual criado em julho de 2018, após um encontro entre as quatro envolvidas no projeto. Elas conversavam sobre “boas notícias, funcionando como *upgrade* na autoestima feminina, no compartilhamento de conversas sobretudo respeitadas com as mulheres”, recorda Moura. “Pouco mais de um ano e meio da criação espontânea do grupo, veio o estado de alarme no mundo da covid-19. Em uma dessas conversas, tivemos a ideia de contar, num *e-book*, o nosso cotidiano a partir do que registrávamos por mensagens no aplicativo, sobre esses dias de assombro da pandemia. Começamos a discutir a produção e edição da obra, quando nos veio a ideia de ampliar os relatos para outras jornalistas que também vivenciavam o distanciamento social”, relata a co-organizadora.

As jornalistas participantes foram selecionadas através das redes sociais, por meio de um levantamento das organizadoras. “Os critérios envolviam ser mulher, jornalista e estar cumprindo o distanciamento social nos meses iniciais à decretação pela OMS do estado de alerta da covid-19, preferencialmente na Paraíba”, aponta Sandra Moura. “Por esse método, chegamos ao levantamento de 64 mulheres jornalistas que fazem parte desse *e-book*, com suas narrativas sobre vários aspectos do período de confinamento. Os depoimentos registram o distanciamento social vivenciado nas cidades como João Pessoa, Campina Grande, Conde, Cajazeiras, Patos e Sousa, por essas 64 mulheres paraibanas ou radicadas no Estado”, detalha. “Três jornalistas que atuaram na Paraíba, mas que vivenciaram o confinamento fora do Brasil, foram convidadas. Duas delas vivem, temporariamente, em Portugal, e a terceira está radicada na Grécia”.

Entre os assuntos abordados em *Isolamento Social*, estão sentimentos como medo, angústia, insegurança, tensão, solidão, insônia e fragilidade, como enumerado por Sandra Moura. “Os relatos estão permeados por episódios de como a pandemia transformou a rotina dessas mulheres jornalistas, as suas relações de trabalho profissional e/ou doméstico, sua convivência familiar e com amigos, enfim, os novos hábitos e maneiras de lidar com a vida no contexto da pandemia”.

O principal aspecto de *Isolamento Social* deve ser relacionado ao aspecto documental de registro deste período. Para Sandra, o material deve ser visto “como uma memória da pandemia da covid-19, que necessita ser narrada também sob a perspectiva das mulheres. No nosso caso, pelo olhar das jornalistas que vivenciaram esses primeiros meses do distanciamento social e que se dispuseram a fazer parte do registro memorialístico daquela que já é considerada a peste do século 21”.

Apesar de contar com textos escritos exclusivamente por mulheres, o livro digital é destinado ao público em geral. “Como se tratam de histórias humanizadas, o leitor e a leitora vão se encontrar nelas e, caso não se encontrar nelas, conhecerá alguém que vivenciou esse momento inicial da crise sanitária como essas mulheres jornalistas”, observa.

A professora e pesquisadora Glória Rabay integra a equipe de *Isolamento Social* com a realização do prefácio. Com uma linha de pesquisa voltada para aspectos como papel da mulher na política, gênero e direitos humanos, ela reforça a relevância do livro para o público leitor que vai além do feminino. “Embora esteja circunscrito ao universo de mulheres jornalistas, o livro fala do impacto da pandemia para as mulheres nessa categoria, de classe média trabalhadora. É perceptível que cada mulher envolvida escreveu o modo como, naquele momento, a pandemia impactava seus medos, suas esperanças. É um livro importante enquanto registro histórico e memória desse momento tão marcante para a humanidade”.

Apesar das conquistas já alcançadas pelo feminismo, iniciativas como o *e-book* reforçam a necessidade de se abordar temas voltados para as mulheres. “Ainda vivemos, no cotidiano, com coisas muito diferentes. Passamos por experiências diferentes acerca do mesmo fenômeno. Fato é que as mulheres ainda têm uma diferenciação a ser registrada quando falamos, principalmente, do cotidiano”, conclui Glória Rabay.



Imagem: Divulgação

Selecionadas pelas redes sociais, os depoimentos das participantes do *e-book* registram o distanciamento social vivenciado nas cidades como João Pessoa, Campina Grande, Conde, Cajazeiras, Patos e Sousa, através dos sentimentos como medo, angústia, insegurança, solidão, insônia e fragilidade

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

‘Tropicalismo Now!’ e por que não?

Para Ninho Moraes, diretor do filme-documentário *Futuro do pretérito: Tropicalismo Now! (cena à direita)*, muito já se falou desse movimento cultural que abarcou diversas manifestações artísticas e eclodiu no final dos anos 1960, justamente quando houve o maior recrudescimento da ditadura e das forças militares.

Acompanhei o movimento tropicalista desde que foi criado – é preciso dizer que com muito mais força em São Paulo do que em Salvador, apesar de Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros baianos e nordestinos em geral.



Foto: Divulgação

jope, Marcus Alves. Lógico que isso só poderá acontecer quando a pandemia *coronovirista* terminar.

Enfim, estamos a viver um clima de vivência histórica relativa à verdadeira revolução estética e política (por que não, por que não?) que foi (ainda é?...) o tropicalismo no Brasil.

Não custa lembrar que das saídas usadas pelo tropicalismo está o beber em todas as fontes, misturar inúmeras referências, romper as barreiras limitado-

ras de cada manifestação artística. Aliado a isso estava o enaltecimento à brasilidade.

Por isso, o filme de Ninho Moraes traz encenações e depoimentos reais, imagens de arquivo e também de um grande show realizado por André Abujamra, no Teatro Oficina Uzyna Uzona, em São Paulo, quando o músico e seus convidados interpretaram clássicos do período.

O show de Abujamra, formado por músicos com formações e repertórios bastante heterogêneos, conduz o filme de Ninho. Ele convidou um elenco de primeira: o cantor e ator Alexandre Nero (‘Superbacana’); o pai da Axé Music, Luiz Caldas (‘Marginalia’); a cantora lírica Madalena Bernardes (‘Cultura e civilização’); o cantor e parceiro Marcos Bowie (‘Futurível’); a cantora Meli-

na Mulazani (‘Soy loco por ti, America’); a cantora pop e também caipira Suzana Salles (‘Lindonéia’); o Projeto Guri (‘Tropicália e Hino ao Senhor do Bonfim’).

Futuro do pretérito: Tropicalismo Now! já esteve em importantes festivais brasileiros de cinema, como Gramado, Ceará, In-Edit de São Paulo, Indie de Belo Horizonte, Mimo e Play the Movie, no Recife.

As entrevistas do filme foram realizadas com pesquisadores e amantes do movimento que presenciaram e/ou vivenciaram o final dos anos 1960. Foi nesse período que Hélio Oiticica criou a instalação *Tropicália*, que José Celso Martinez Corrêa montou sua leitura de *O Rei da Vela*, que Glauber Rocha realizou *Terra em transe*.

Claudio Prado, da Casa de Cultura Digital, um dos entrevistados define: “Para mim, o tropicalismo é uma versão tropical do movimento hippie. O tropicalismo é um movimento hippie só que liberto da caretice anglo-saxônica”.

Ninho Moraes é jornalista, professor universitário, documentarista, roteirista e cineasta. Em 2010, lançou o livro *Radiografia de um filme: São Paulo Sociedade Anônima*.

Em cinema, escreveu e dirigiu os curtas *Ondas e Branco & Preto*. Para o Itaú Cultural, roteirizou e dirigiu (com Dainara Toffoli) o documentário *Brasil da virada*.

Artigo *Estevam Dedalus*
Sociólogo | colaborador

Os passos de Bolsonaro

No geral, as análises sobre a reforma ministerial de Bolsonaro se dividiram entre as ideias de que o presidente está acuado, entregue ao “centrão”, ou se preparando para dar um golpe militar. Num cenário tão complexo é impossível ter certeza.

Penso, no entanto, que um golpe militar tradicional com tanques na rua, fechamento do STF e do Congresso, não é algo viável – pelo menos neste momento. É o tipo de evento político que pressupõe consenso das Forças Armadas em torno do projeto; um expressivo apoio político e popular; e o aval da elite. Bolsonaro não parece ter nenhum desses fatores a seu favor.

As trocas dos comandantes das Forças Armadas é um sintoma da falta de unidade no Alto Comando em relação a um possível plano de ruptura institucional. Por outro lado, as trocas devem dar a Bolsonaro mais controle sobre o Exército, aumentando assim o risco e as tensões. Além disso, o número de militares no governo é muito elevado. Se o governo de Bolsonaro não é propriamente um governo militar, é um governo de militares.

Outro fator que merece destaque é a influência do bolsonarismo entre os soldados e oficiais de baixa patente. Ela se estende às polícias militares, o que acaba gerando o temor que sedições aconteçam numa tentativa de golpe. Não é algo fácil. As polícias militares adeririam inteiramente a um projeto de golpe de Esta-



Recentes trocas dos comandantes das Forças Armadas é um sintoma da falta de unidade no Alto Comando em relação a um possível plano de ruptura institucional

do? Haveria rachas internos nessas tropas? Como se daria a organização?

É muito improvável que o golpe se realizasse apenas com um suposto apoio das forças policiais militares, ou mesmo por meio de milícias. Mas não devemos desprezar o papel que poderiam desempenhar num processo dessa natureza.

A política da morte adotada por Bolsonaro como estratégia de lidar com a pandemia produziu uma tragédia humanitária que vem corroendo a aprovação do governo. Ultrapassamos mais 300 mil mortes devido a sabotagens contra a vacinação, o uso de máscaras, medidas de isolamento social e o incentivo ao uso de medicamento sem eficácia científica comprovada.

As condições econômicas da maioria dos brasileiros vêm se deteriorando, enquanto os muitos ricos, pela primeira vez, começam a sentir que as perspectivas de ganho tendem a piorar com a continuidade do governo.

Existem muitos fatores para o impeachment de Bolsonaro, mas falta um elemento de importância cabal: mobilização popular nas ruas – assim como ocorreu com Collor e Dilma.

A pandemia criou, dialeticamente, circunstâncias políticas importantes para o fim do governo Bolsonaro, ao mesmo tempo em que impediu a organização de grandes manifestações de massa.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Escultura ‘Trans I Re’, do artista visual norueguês Fredrik Raddum: “Meu coração ressuscitará em um instante”



Nós, que morremos! Por que se vive?

Gustav Mahler (1860-1911) definiu os limites da transcendência. Ele tinha a obsessão pela perfeição e sempre teve crises morais e angustias metafísicas de forma compulsivo. Mahler manifestou comportamentos esquizofrênicos e conviveu com a loucura do sofrimento. A morte é o tema presente em quase toda sua obra. Nas suas peças, os temas alegres são apresentados com os trágicos, que refletem a infelicidade de sua vida. Mahler teve uma infância desprovida de afeto e de bens materiais e sua existência foi insuportável de tanto sofrimento. Ele sofreu de problemas cardíacos, e sua filha morreu com os mesmos problemas cardíacos.

Nas suas sinfonias, Mahler recriou nos sentimentos o reencantamento para com a beleza da natureza como forma de suportar os próprios conflitos internos. Ele foi judeu, mas sentia admiração pela liturgia cristã. A sua Segunda Sinfonia propõe responder à pergunta: “Por que se vive?”. Essa Sinfonia narra a derrota da morte e a redenção final do ser humano, após ter passado por um período de incertezas e crises. Essa ‘Segunda Sinfonia’ é conhecida como ‘Sinfonia da Ressurreição’, foi escrita de 1888 até 1894, tem a extensão de 80 minutos e foi apresentada pela primeira vez em 1895. Essa Sinfonia estabelece a sua visão ao longo da beleza da vida após a morte e ressurreição e experiência – para além das tristezas e alegrias cotidianas – um caminho de fé e esperança. Também narra a queda e morte do herói, as suas

dúvidas, a sua fé e ressurreição no Dia do Juízo Final.

Os cinco movimentos da ‘Segunda Sinfonia’ de Mahler são estes: o primeiro movimento é sobre a morte e representa um funeral e faz perguntas como “Existe vida após a morte?”; o segundo movimento relembra os momentos felizes na vida do morto; o terceiro movimento representa uma visão da vida como transcendência (atividade) sem sentido e apresenta as dúvidas quanto à existência e ao destino; o quarto é um desejo de libertação da vida sem sentido e o herói readquire a sua fé e esperança; e o quinto movimento – após o retorno das dúvidas do terceiro movimento e das perguntas do primeiro – termina com uma apaixonada esperança de renovação eterna e transcendente, por isso ocorre a Ressurreição, na forma imaginada por Mahler.

No quinto movimento, temos do poeta alemão Friedrich Klopstock (1724-1803):

*Ressuscitarás, sim, ressuscitarás
Ó, meu pó, após breve repouso!
Vida imortal! Vida imortal
Ser-te-á dada por aquele que te chamou!
Para florescer novamente tu foste semeado!
O Senhor da colheita vai
E recolhe seus feixes:
Nós, que morremos!*

E de Gustav Mahler:
Ó crê, meu coração, crê:

*Não perderás nada!
Alcançou aquilo que desejaste,
Aquilo que amaste
Aquilo por que lutou!
Ó crê,
Tu não nasceste em vão!
Não viveste nem sofreste em vão!
O que foi criado
Deve perecer
O que pereceu deve ressuscitar!
Não trema mais!
Prepara-te para viver!
Ó dor, que penetra tudo
De ti fui separado!
Ó morte, que conquistas tudo,
Agora foste conquistada!
Com asas que ganhei,
Na dura batalha do amor,
Alçarei voo
Para a luz que nenhum olho penetrou!
Morrerei para poder viver.
Ressuscitará, sim,
Meu coração ressuscitará em um instante!
Tudo o que sofreste,
Te levará a Deus!*

■ Na extensão deste texto, sinta-se convidado a audição do 312º Domingo Sinfônico, deste dia 4, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB, sintonize a Rádio Tabajara AM 1.110 ou FM 105,5. Em outra cidade acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nessa edição, vamos conhecer o regente italiano Cláudio Abbado (1933-2014). Ele vai reger peças de Vivaldi (1678-1741) e Mahler.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Vestido de Pélagué Nilovna

Há mais de 50 anos eu vivia impregnado de urgências. Tudo era para ontem. Te dana. Existir era apressado, eu comia, corria, tentava ver as coisas pelos olhos de *Forrest Gump* (1994), um rapaz de boas intenções etc. Já foi. Por obra do acaso, Forrest consegue participar de momentos cruciais, como a Guerra do Vietnã e Watergate, mas Tom Hanks continua correndo até hoje. Gente, eu estou há meses procurando a escritora Ana Adelaide Carraro (*Eu Mataria o Presidente*, 1973), mas ela não me dá bolas.

Eu precisava chegar, precisava correr, estava no mundo para transformar. Demorei para entender que a beleza está no caminho, no percurso.

Eu invento Carnaval, vestido de Pélagué Nilovna, a mãe de Górkki e penso que noutras vidas, estive na eferescente Rússia pré-revolução. Eu era a mãe de Pavel, um operário de uma fábrica que nunca chegou ao poder.

Eu sabia, eu sei, que o tempo exige mudança social profunda, mas profunda mesmo era a bunda canastra (tipo quando sim quer dizer não). Lembram? Juro que lembro da “bunda” da tanajura. O que se apresenta a um mundo povoado de mortos? Breu.

Eu era jovem e não sabia se me aproximava do movimento revolucionário, pois acabaria sendo deportado para o Sertão, mas quando eu acordei estava em Olinda, na casa de Alceu para fazer uma entrevista e vi tanta mulher nua bonita, que ali mesmo fiquei.

Sacada. Escada. Sapatilhas de Arame.

Toma tua parte na luta num exercício de força, empatia e humanidade. Uma das obras mais fundamentais da literatura russa, eu vestido para matar a mãe de Górkki, o romancista daquela nova era, a partir de sua própria experiência. Eu disse experiência? Parcimônia, garoto!

Alguma outra coisa gerou uma espécie de estancamento, que aos poucos se transformou num fluir silencioso e indeciso, muitas vezes áspero quando lutava contra, insistindo em pressa e porquê. Aí já não era mais eu. Até hoje me pego querendo acelerar o passo, dançar o último tanto, mas cadê um certo fadista?

Para ver e entender o que há mais adiante, nestes tempos de pandemia, no confinamento e no “semiconfinamento”, mais ainda, como se fosse possível ultrapassar para descobrir o que há em seguida, eu sai na carreira para tomar a coronavac, mas quando cheguei lá, ainda estava na faixa dos cem anos. Socorro, doutor Givaldo!

Milongas sem alegorias nas ruas desertas de João Pessoa. Socar no duro, nadar contra a corrente de ouro do pescoço e remar contra a carestia. Crescer na crista da onda, achar um furo, um negócio da China. Ou estar metido com boa figura de proa, canoa, lagoa, parque. Embarque. Desembarque.

Pacóvio nunca fui, peixe fora d’água, típico de cidade miúda. Cafonice & elucubração. Né com tu não, criatura. Você viu cabeção por aí? Tolinho, bobinho, inacreditável transformador de nada. Sim, a borra que eu gostava com açúcar sem afetos, extraída da nata que minha mãe transformava em manteiga de garrafa. Terra, por mais distante, o errante sertanejo.

Segunda, terça, quarto, primeiro de abril. Lá vem maio. Vira lata, cão. Tão feliz, infeliz! Caminhando na mesma ponte. Sai daí. Sentido oposto. Malícia, menina, corre que lá vem a neblina.

O que falta é o lado Capitu de tu. Eu vejo pelo fundo da garrafa o caos, digo o caos.

Vem? Aliás, nesse universo todo de brilhos e bolhas no instante em que se espoca o champanhe, a galera grita: “Adoro a champanhe francesa”. Help, Chandon! É o champanhe. Nem saca, nem tira a rolha. Ei, quer ser minha rosa púrpura do açude velho? Desabusado, eu?

Vou ali apagar minhas contas.

Kapetadas

1 - Não existe uma natureza humana. Espero ter sido claro.

2 - “Las tiranías fomentan la estupidez” já dizia Jorge Luis Borges.

3 - Som na caixa: “A nossa vida é um Carnaval / A gente brinca escondendo a dor”, Moacyr Franco.

Foto: Divulgação



Escritor e dramaturgo russo Máximo Górkki (1868-1936), autor de ‘A Mãe’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

A arte pictórica brasileira no filme 'Amélie Poulain'

As excentricidades existem no comportamento humano, como também as atitudes obcecadas e até doentias, muitas vezes para alguém atingir os seus objetivos. Objetivos esses inexplicáveis, até de solidariedade. E isso verificamos no filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (*Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain*). Comédia romântica diferenciada, dirigida pelo francês Jean-Pierre Jeunet, com a expressiva atriz Audrey Tautou no papel-título. A música do filme, de Yann Tiersen, em belos solos de piano e acordeom é um verdadeiro afago.

O filme não é produção recente. Está fazendo seus redondinhos 20 anos agora em abril, mas é uma obra que gosto muito e revejo sempre quando posso, como agora nesta minha incômoda (embora vacinada) clausura involuntária. Também porque a narrativa do filme é digna de atenção pelo diferenciado que representa para o cinema, sobretudo o francês. São sutilezas humanas tratadas em gestos, diria quase infantis, de alguns personagens adultos, como é o caso da própria Amélie. Por vezes, ela busca "dialogar" com a câmera (espectador), numa linguagem até ilustrada com *emojis*, tentando viralizar em cumplicidade com quem a assiste. E veja-se, por imediato, a atualidade da linguagem: *emojis* é coisa da Internet atual.

Poderia iniciar dizendo que o argumento é dos mais simples, tratando do cotidiano de uma garotinha que é reprimida o tempo todo pela mãe, mulher excêntrica que morre no início do filme. Anos depois, agora uma jovem e tímida, Amélie sai de casa, herdando algumas manias de infância, deixando o pai com suas lembranças e desejos incubados de aventuras. Ela vai



Foto: Divulgação

Completando duas décadas neste mês, filme do francês Jean-Pierre Jeunet é protagonizado pela Audrey Tautou

morar sozinha num dos bairros parisienses, Montmartre, uma das regiões culturais singulares da cidade. Em suas idas e vindas diárias à gare de Paris, onde pega o trem para o trabalho numa tabacaria, Amélie conhece um jovem fissurado em apanhar no chão restos de fotos deixadas pelas pessoas das máquinas ali existentes.

Uma crônica simples do cotidiano, com cenas filmadas próximo à Basílica de Sacré Cœur, e que encanta pela simplicidade e beleza da personagem-título na história. Mas o que nos surpreende é a fotografia de cores fortes, sobretudo nas tonalidades verde/vermelha, reforçando substancialmente um tipo de informação-figurativista do universo de Amélie e de seus contracenados. E essas cores não são gratuitas, porquanto simulam o emocional da jovem, em certos momentos, e tem uma origem que nos parece bem clara, que é a relação que existe entre a direção do filme e o artista plástico brasileiro Juarez

Machado. O próprio rosto de Amélie, com acentuados olhos negros, houve de refletir uma das pinturas bem conhecidas do artista, que além de pintor era cenógrafo aqui no Brasil.

A propósito, a pintura do artista brasileiro foi bem recebida em Paris, na individual que realizou na Galerie Debret, no final dos anos 1980 e início de 90, portanto, anos antes da realização do filme. Para a crítica especializada, à época, as cores refletiam as aspirações do próprio artista. Depois, então repassadas à personagem pelo fotógrafo Bruno Delbonnel e diretores de arte Mathieu Junot e Wolker Schafer, sob um roteiro bem escritor por Guillaume Laurant.

Mesmo tendo concorrido ao Globo de Ouro e ao Oscar 2001 e não conseguindo premiação, isso só foi possível nos Festivais Internacionais de Edimburgo e de Toronto, naquele mesmo ano. – Mais "coisas de cinema", acesse o nosso blog: www.alexantos.com.br.



APC agradece ao 'Tabajara em Revista'

Membros da Academia Paraibana de Cinema (APC), os professores Alex Santos e Manoel Jaime Xavier foram convidados pelos apresentadores do programa Tabajara em Revista, o músico Adeildo Vieira e a cantora e compositora Cíntia Peromina, para participarem do segmento 'De olho na Tela', que vai sempre ao ar nas terças e quintas-feiras pela Rádio Tabajara. Adeildo foi autor da bela trilha sonora do filme dirigido por Alex, *Américo – Falcão Peregrino*.

O programa, que é apresentado sempre às 14h, traça um relato das pessoas ligadas ao cinema paraibano, falando de suas experiências com a Sétima Arte, bem como sobre os filmes (ou filme) que marcaram a sua vida. Em nome dos convidados e da própria APC, a diretoria da entidade agradece.

HQ homenageia Pinto do Acordeon

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O quadrinista campinense Aurélio Filho está trabalhando em uma homenagem ao cantor, compositor e instrumentista paraibano Pinto do Acordeon, que morreu em julho de 2020, aos 70 anos.

"A obra já está toda concluída e venho fazendo a diagramação das sete páginas. Depois disso, irei atrás de apoio para impressão, porque pretendo lançá-la no mês de junho, durante a época de São João, numa edição única intitulada *Dois nordestinos do ritmo*, que também vai reunir outra história em quadrinhos que fiz em 2019 em tributo a Jackson do Pandeiro", disse o artista, que está radicado na cidade de Patos há mais de três décadas.

Se a situação causada pela pandemia permitir, a intenção é realizar o lançamento presencial, caso contrário o evento será no formato virtual. Aurélio Filho contou que a ideia de homenagear Pinto do Acordeon surgiu no final de 2019, portanto, antes da morte do artista. "A HQ é uma minibiografia que se baseia na vida do grande forrozeiro, que nasceu em Conceição, mas morou muito tempo em Patos, a quem homenageio



Imagem: Divulgação

Na edição de 'Dois nordestinos do ritmo', além de Pinto do Acordeon (acima), haverá outro grande músico: Jackson do Pandeiro

indiretamente, pois o artista ficou conhecido como filho de Patos, onde costumava realizar shows na época junina. Mas é também uma homenagem aos artistas da região", observou ele.

Junto com a história em quadrinhos biográfica sobre Jackson do Pandeiro, a publicação terá aproximadamente 16 páginas. Posteriormente, a intenção é lançar a obra, ainda sem preço definido, em formato digital.

Após sua decisão em reverenciar Pinto do Acordeon, o autor passou a pesquisar, na Internet, detalhes sobre a

vida e obra do saudoso músico e também convidou o jornalista, escritor e historiador patoense Daniel Lucena para assinar o roteiro.

O trabalho de desenhar começou em julho do ano passado e levou três meses para a conclusão. "A HQ aborda alguns aspectos da vida e obra do cantor e instrumentista que vão desde o nascimento, passando pelas composições autorais interpretadas por outros artistas e frases que o sanfoneiro costumava citar, como a de que o artista não morre, mas nasce um pé de flor", explicou Aurélio

Filho. Ele informou que as histórias em quadrinhos de Pinto do Acordeon e Jackson do Pandeiro são em preto e branco, mas com capas coloridas, cuja arte final é do paulista John Castheliano.

Aurélio Filho ainda informou que produziu outra HQ cujo enredo é o de combate ao racismo, atendendo solicitação de professores do Campus, na cidade de Sousa, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que lhe forneceram o roteiro para que criasse as artes. O lançamento da obra, que tem 10 páginas, está previsto para maio.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Rubem, leitor

Em *Assim canta o sabiá*, crônica/prefácio de Paulo Mendes Campos a *As boas coisas da vida*, de Rubem Braga, fico sabendo que ele, Rubem, era leitor da Bíblia, do padre Antônio Vieira, de Diogo do Couto e do "excelente", segundo Paulo, Francisco Manuel de Melo. E tem mais, para minha surpresa: o cronista releu muito *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *A pesca na Amazônia*, de José Veríssimo, e *Caçando e pescando por todo o Brasil*, de Francisco de Barros Júnior.

Estranho, não, o perfil de um leitor?

Que me diria que a prosa poética de Rubem Braga poderia ter um vínculo qualquer com o palavreado barroco a sintaxe tão complexa de obras tão diversas e tão sisudas? Parece que certos caminhos pressupõem mapas imprevisíveis e destinos inimagináveis.

Talvez seja assim mesmo a geografia de um leitor. Acidentes e incidentes se misturam na configuração de paisagens impossíveis, de conexões que podem escapar ao clamor do razoável.

Que teria Rubem Braga herdado de Vieira e de Euclides naquele estilo tão claro e tão leve e tão lírico de suas crônicas antológicas, a ponto de transubstanciar o elemento mais simples numa sublime opala metafísica ou num poema cheio de verdade e de beleza?

Dele disse Zé Lins, ainda segundo o testemunho de Paulo Mendes Campos: "Esse homem diz não que não lê quase nada, mas sabe tudo". E sabe mesmo. E sabe sobretudo que o conde dialoga com o passarinho, que existe um segredo dividido entre o verão e as mulheres, que a borboleta é amarela em seus voos multicores, que a primavera nos dá recados do vento e de seus aromas perfumados.

Como não lê quase nada?

E a Bíblia, e *O Cântico dos Cânticos*, que sabia de cor? Se não era bom leitor de romance e se acaso se decepcionara com *O vermelho e o negro*, para indignação de Joel Silveira, isto não é nada demais e nem o desqualifica. Conheço muito leitor erudito e refinado que não engole Stendhal. E não só Stendhal, mas também Proust, Joyce, Kafka, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Difícil entender e explicar o gosto de um leitor. Tolstói detestava Shakespeare; Nabokov não via com bons olhos Dostoiévski, e Henry Miller se ria mesmo de Henry James. Quem, leitor, não tem seus amores e seus desprezos, suas preferências e suas exclusões, suas traições e suas fidelidades?

Não gostar de um autor e não ler determinados livros também não seria um tipo de leitura? Uma leitura ao contrário, que inquieta, incomoda e agride?

Quero crer que tudo conta na fenomenologia da leitura. Por motivos e causas inacessíveis, diluídos nas turvas águas da psicologia humana, não me é impensável sentir, na palavra de Rubem, portanto, alguns ecos da lavra fértil de Vieira ou de Euclides. E digo mais: é absolutamente misteriosa a força da osmose poética que pode entrelaçar o verbo em estilos tão díspares e diferentes.

Na crônica *Entre dois cochilos*, do volume já referido, o autor de *Um pé de milho* alude ao livro *Rede de dormir*, de Câmara Cascudo como "pequena e admirável monografia", no que tem plena razão e pelo que mostra de seu gosto agudo e variado.

Leitor de livros tão curiosos acerca de nossa riqueza antropológica, mítica e social, não me parece estranho que seu cronicário esteja povoado pelas coisas da natureza, sendo presença constante o mar, os animais, as árvores, os passarinhos, as borboletas, as pescarias, as caminhadas e outra ocorrências que podem atizar o seu olhar e a sua sensibilidade.

Digamos que antes da leitura dos livros, Rubem Braga lê o mundo. E lendo o mundo, escreve seus livros e recria poeticamente esse mundo. O leitor de Rubem também participa desse ritual de aderências e descobertas. Pode sair dos seus livros para um novo reencontro com o mundo ou vê como esse mundo se revela mágico e melhor dentro de seus livros.

Foto: Divulgação



Rubem Braga era leitor da Bíblia e do padre Antônio Vieira, dentre outros

Aos domingos com
**Messina
Palmeira**



Mulheres homenageadas em 2021



Troféu Maria da Penha edição 2021



No ano de 2008 idealizei e realizei a primeira edição do Troféu Maria da Penha

A professora da UFPB e presidente da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, Bernardina Freire, se integrou a edição 2021 do Troféu Maria da Penha

Amigos leitores, esta edição de hoje será toda dedicada ao Troféu Maria da Penha, evento que realizo desde 2008, dois anos após a Lei 11.340, conhecida hoje como Lei Maria da Penha, ter sido sancionada no Brasil.

Este ano, em edição remota, ganhou um suporte especial, pois a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, entidade cultural presidida pela professora da UFPB, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, integrou-se à premiação.

O troféu, que teve aprovação da própria Maria da Penha, a farmacêutica que deu nome à citada Lei, homenageia anualmente mulheres que se destacam em ações que beneficiam, valorizam e protegem mulheres de violências domésticas.

A edição deste ano aconteceu através do YouTube e foi liderada por esta colunista e pela professora Bernardina Freire, contando ainda com participações significativas,

como a da bibliotecária da UFPB Juccia Oliveira, que, dos bastidores, comandou e direcionou toda a parte técnica.

Outras presenças ilustres engrandeceram o evento, como a do apresentador do cerimonial, advogado e arquivologista Josemar Elias; da violinista Marina Marinho, que abriu e fechou o evento, executando músicas especiais; das professoras Josy Escórcio e Josy Castro que, através da linguagem de libras, deram visibilidade a deficientes auditivos e do ator e graduando em Biblioteconomia Marcílio Herculano da Costa que declamou, com maestria, poemas que enaltecem a alma feminina.

Claro que a entrega do Troféu Maria da Penha - edição 2021 alcançou sucesso total, pois, além de um evento impecável, homenageou valorosas mulheres.



Josemar Elias, Marina Zenaide, Josy Escórcio, Josy Castro, Juccia Oliveira e Marcílio Herculano, cada um, na sua expertise, deram mais glamour ao evento

IMOBILIÁRIA
PARAIBA PROPERTY
www.paraiproperty.com.br
+55 83 99302-7071

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTIPLANO José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

Paraíba tem maior saldo de empregos para PcD em 2020

Estado foi líder do Nordeste em oferta de trabalho, com cerca de 10 mil vagas destinadas às pessoas com deficiência

Carol Cassoli
Especial para A União

A inserção de pessoas com deficiência (PcD) no mercado, além de promover inclusão, abre espaço para a pluralidade de vivências no ambiente de trabalho. Em 2020, apesar do cenário de pandemia ter dificultado a geração de empregos em todo o país, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostrou que a Paraíba teve o maior saldo de oferta de trabalho de PcD do Nordeste.

Foram cerca de 10 mil vagas durante o ano em que se iniciou a crise provocada pela disseminação da covid-19, o melhor resultado desde o início da série histórica do Caged, em 1992, pelo Ministério da Economia.

A gestora de recursos humanos Natália Melo faz parte do grupo contemplado com um novo emprego durante o período de ascensão do novo coronavírus no Brasil. Após ser desligada da empresa em que trabalhava em fevereiro do ano passado, Natália conseguiu uma vaga depois de seis meses desempregada. Contratada através das cotas com a ajuda da Funad, a jovem, que sofre com atrofia muscular leve, realiza pesquisas de



Fotos: Marcus Antonius

Natália Melo (esq.) e Alisson Mendes (dir.) fazem parte do grupo de PcDs que conseguiram se inserir no mercado

satisfação na concessionária automotiva Promac. Natália conta que, além de trabalhar, também se dedica a ajudar outras PcDs a conseguirem emprego pelo perfil do Instagram @vagaspcdnordeste, criado em junho do ano passado.

Ainda segundo informações do Caged, o ano passado foi um dos que apresentou maior rendimento no que diz respeito à modernização do mercado e dos modelos de trabalho. Entre as mudanças estão, por exemplo, os formatos intermitentes de prestação de serviços.

Contudo, a inserção de

PcDs em novos cargos também se destacou como inovação proposta por muitas empresas. Esta atualização dos quadros de funcionários promoveu ligeiro aquecimento no mercado para pessoas com deficiências, porque, embora muitas empresas aleguem não ter estruturas adequadas para agregar uma PcD ao ambiente, com a demanda de trabalho remoto surgiu a possibilidade de contratação de novos funcionários e o problema estrutural deixou, por ora, de existir.

Além disso, a proteção do emprego destas pessoas foi assegurado durante o pe-

ríodo de pandemia. A Lei Federal 14.020 veda o desligamento de funcionários com deficiência (salvo em situações de justa causa).

Apesar das observações positivas e da proteção presumida por Lei, a pandemia foi responsável pela demissão de mais de 73 mil pessoas com deficiência em todo o país. Isto porque, embora o número de contratações tenha subido quase 50% nos últimos anos, grande parte delas não foi realizada dentro das especificações da lei de cotas, que regulamenta a contratação de deficientes.

Pessoas com múltiplas deficiências têm menos espaços

O Dieese mostra que grande parte das pessoas portadoras de deficiência formalmente empregadas no país já passou por reabilitação enquanto cidadãos com múltiplas deficiências são preteridos pelo mercado. De 2018 a 2019, houve queda de 0,3% na distribuição de vínculos para pessoas com deficiências múltiplas. O número, inferior a 10 mil contratações em todo o país, caiu para 8.630, resultando na exclusão destes profissionais do mercado.

Parte do quadro de 91 funcionários da Promac, Alisson Mendes compõe, junto com Natália, o grupo de funcionários com deficiência da empresa. Aos 36 anos, Alisson, que tem deficiência física em um lado do corpo, observa que devido ao grau de sua deficiência não teve dificuldades no mercado de trabalho. "Trabalho como consultor técnico e, em três anos, não tive problemas. Meu relacionamento com todos é muito bom e nunca me senti discriminado".

O ano de 2020 apresentou um total de demissões de mais de 21 mil pessoas com algum tipo de deficiência e, se considerado o saldo de

contratações em relação às demissões, o Brasil soma um resultado negativo em mais de 550 mil empregos descontinuados na pandemia.

SAIBA MAIS

Para fomentar o trabalho foi instituído "O Dia D da Empregabilidade", que tem por objetivo ser uma ponte entre as PCDs e o mundo dos negócios. O evento acontece anualmente e é uma parceria entre a Funad, a Secretária de Desenvolvimento Humano do Estado, o Sine e o Ministério do Trabalho.

+ Diferenças de gênero

Dados do Caged levantados em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), apontam que, dentre as PcD formalmente contratadas, cerca de 62% delas são homens e o Nordeste apresenta variação no aumento de contratações de 0,44% - percentual correspondente a pouco mais de 8 mil pessoas em toda a região.

Elaborado pela Funad, o relatório da empregabilidade de pessoas com deficiência na Paraíba aponta que, desde o início da pandemia, cerca de 40 pessoas foram inseridas no mercado de trabalho a cada 3 meses. Embora o quantitativo anual tenha caído em relação a 2019, ano em que a Funad conseguiu inserir 232 pessoas no mercado de trabalho, Tarcisia Neiva, responsável pelo cadastro de novos usuários na Fundação, observa que as vagas estão reaparecendo mesmo que de maneira retraída.

Segundo Tarcisia, o serviço de encaminhamento de PcDs para o mercado de trabalho é realizado por WhatsApp. "Hoje o próprio usuário faz contato com a empresa. As seleções caíram, mas, aos poucos, as vagas estão aparecendo. O problema é que as empresas querem contratar uma pessoa com deficiência sem deficiência", relata, ao observar que a maioria das pessoas que consegue uma contratação possui deficiência em grau leve.

Aos 47 anos, Willian Silva, comprova a observação da servidora da Funad. Willian, que hoje trabalha numa rede atacadista, conta que teve muitas dificuldades em conseguir emprego depois de sofrer o acidente que tirou parte da mobilidade do braço direito. "Muitas empresas, quando viam minha deficiência, mais a idade, acabavam desistindo". Willian relata que fez muitas entrevistas antes de ser contratado e que a maioria das empresas não dava retorno explicando o porquê de o empacotador não ter sido contratado.

Cotas obrigatórias

Segundo prevê a legislação de cotas e inclusão social, é necessário que as empresas tenham entre 2% e 5% de seu quadro de funcionários preenchido por PcD. Na rede atacadista Assaí, por exemplo, existem mais de 2.500 colaboradores com deficiência (16 deles empregados em João Pessoa), número que supera a exigência da Lei.

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

A importância do planejamento estratégico municipal

O papel a ser desempenhado pelos gestores públicos municipais, são desafiadores em qualquer época, mas em momento de crises pandêmicas e conjunturais o nível de complexidade se torna ainda maior.

Diante de tantos problemas, limitações e desejos de superação, uma atitude que pode fazer grande diferença é planejar estrategicamente o que precisa ser feito. Os problemas, as limitações e as oportunidades, de forma inovadora e sistematizada, passarão a inspirar soluções que produzam a eficácia da gestão.

Planejamento é o processo pelo qual uma pessoa ou instituição procura racionalizar suas decisões, tanto no que tange à fixação de objetivos quanto à forma de atingi-los. Na esfera governamental não é um método de trabalho de natureza diferente daquele que se pratica nas empresas e instituições em geral, mas se diversifica no que diz respeito aos objetivos, porque obriga muito mais o administrador a se envolver continuamente com complexos problemas de interesse público e dar satisfações a respeito do que está sendo feito com o patrimônio da comunidade.

Embora costume-se atribuir a

responsabilidade final pelo planejamento municipal ao prefeito, isto não quer dizer que cabem somente a ele todas as tarefas relacionadas com esses objetivos. Todos os integrantes do Governo, no nível de direção ao de execução, participam do processo de planejamento. A Câmara Municipal, ao aprovar planos e orçamentos, também exerce um papel importante nesse processo.

O planejamento governamental tem sua dimensão técnica e sua dimensão política. Técnica porque implica o domínio de uma metodologia específica de trabalho, a sistematização de informações atualizadas e, frequentemente, o apoio dos conhecimentos especializados de profissionais de diferentes áreas. Política porque é, antes de tudo, um processo de negociação que busca conciliar valores, prioridades, necessidades e interesses divergentes, administrando conflitos entre vários segmentos da sociedade, que esperam os benefícios da ação governamental.

Poderá haver tendência de se enfatizar uma dessas dimensões em detrimento da outra.

A história da gestão pública municipal, no Brasil, tem apresentado nos últimos decênios, diferentes experiências e tipos de planejamento,

ora enfatizando os planos diretores das cidades, ora a instituição de planos globais de desenvolvimento do município. Esses planos utilizaram diferentes métodos que não cabe analisar no âmbito deste artigo, mas constituíram experiências que permitem formular recomendações gerais sobre o planejamento que serve ao município de hoje.

Pode-se afirmar, por exemplo, consultando vários trabalhos de avaliação e pesquisa feitos sobre o assunto, que muitos municípios brasileiros falharam na medida em que conceberam planos muito individualistas, sem discussão técnica e social adequada sobre seus objetivos, pretendendo controlar, com rigidez e a longo prazo, o crescimento da economia e da evolução física das cidades. Propuseram medidas e investimentos altos, fora das possibilidades financeiras do município. É importante ter muito critério para se evitar estes equívocos.

Como resultado dessas experiências, recomenda-se em nossos dias que os municípios, ao invés de elaborarem planos sofisticados e pretensivos, pratiquem o planejamento como um processo que os mantenham organizados para diagnosticar os problemas locais e promover

incessantemente a melhoria dos serviços públicos e o bem-estar da população. Que também identifiquem as suas potencialidades e, a partir delas, planeje estrategicamente o desenvolvimento municipal. Os planos devem ser documentos simples, exequíveis, adaptáveis à realidade e orientados para resultados.

Em outras palavras, a prática do planejamento municipal sugere a preocupação não somente com a elaboração de projetos e plano de obras, mas também a preparação da Prefeitura para alcançar uma visão de futuro e os sonhos desejados pelos habitantes locais.

O planejamento é um processo técnico, político e cultural. É necessário, portanto, que ele seja um processo contínuo. Que se desenvolva de forma evolutiva onde o amadurecimento dos agentes e instituições envolvidas possa crescer e atingir, em cada etapa processual, níveis superiores de formulação e decisões.

Presto aqui minha homenagem a todos os gestores públicos, que ainda são poucos, mas que compreendem e valorizam o planejamento como uma ferramenta importante para agirem estrategicamente na conquista de grandes resultados em benefícios dos seus municípios.

Pesquisas auxiliam decisões no enfrentamento à pandemia

Projetos de edital da Fapesq comparam dados e fazem previsões sobre a covid-19 na Grande João Pessoa

Renato Félix
Especial para A União

Há exatamente um ano, 4 de abril de 2020, o Brasil teve 1.304 novos casos de covid-19 e uma média móvel de sete dias de 922 mortes. No dia do fechamento desta matéria, 30 de março de 2021, os novos casos foram 84.494 e uma média móvel de 75.441 contando os sete dias anteriores. Não é novidade que estamos vivendo o ponto mais grave da pandemia. E a ciência tem papel de protagonista nessa crise sanitária: entender a doença, produzir vacinas o mais rápido possível, descobrir as variações do vírus, sempre enfrentando com informações o negacionismo de parte da população. Pesquisas

que colocam a covid-19 sob o microscópio também são realizadas na Paraíba, com financiamento do Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB) e seu edital covid-19.

O Laboratório de Inteligência Artificial e Macroeconomia Computacional (Labimec), da Universidade Federal da Paraíba, tem feito análises comparando a 1ª com a 2ª onda da pandemia na Paraíba. Todos sabemos que atualmente, no Brasil, a crise está pior. Mas quanto? “Na primeira onda foi possível observar médias de contaminação diária de 574 casos e 12 óbitos, respectivamente. Esses números saltam, em média, para 842 casos de contaminação e 18

óbitos por dia”, explica Cássio Bessaria, coordenador da pesquisa junto com Maria Daniella Silva.

O Labimec publica de segunda a sexta informações sobre a covid-19 no perfil do laboratório no Instagram ([instagram.com/labimec](https://www.instagram.com/labimec)). Às sextas-feiras, elas são reunidas em um boletim semanal. “Nós fazemos um resumo dessas publicações que ocorrem ao longo da semana, com um detalhamento metodológico sobre cada uma delas”, conta. “E isso fica sumarizado em um documento, em um arquivo em pdf que as pessoas podem baixar”.

A monitoração do Labimec vem sendo feita desde o início da pandemia, o que permite a comparação entre

o momento mais agudo do ano passado (os meses de julho e agosto) e o novo pico que o Brasil vive nesse momento, na contramão do resto do planeta. “Nossa análise é contínua, tendo em vista que possuímos dados de desde o início da pandemia”, afirma Bessaria. As análises levam em consideração alguns fatores: o acompanhamento dos níveis de isolamento social, a ocupação de leitos, redes sociais e a análise do perfil das mortes. “Para cada análise há uma metodologia específica”, diz o professor. “Utilizamos a análise visual, estatísticas descritivas, projeções, entre outras”.

No boletim nº 48, de 26 de março, traz dados que vão além daqueles que são diariamente divulgados nos

telejornais. Por ele, sabe-se, por exemplo, que as mortes por covid-19 atingem mais os homens (53,4%) que as mulheres (46,6%). Essa diferença diminuiu em relação à primeira onda (55,6%, homens; 44,4%, mulheres). Já a média de idade, na Paraíba, cresceu um pouco: de 68,9 anos para 69,7 anos.

A média de mortes por dia também cresceu. A pesquisa dá 14,2 mortes por dia na primeira onda (3.295 óbitos em 232 dias) e 15,37 na segunda (1.537 mortes em 100 dias). O número de casos por dia, no entanto, dobrou: passou de 574,9 para 1.008,73.

“Quando analisamos os números da doença em relação ao tempo das respectivas ondas, alguns dados são

alarmantes”, alerta o boletim. “Os casos por dia da 2ª onda já são quase que duas vezes mais rápidos que a primeira. Os óbitos por dia também são superiores. Destacamos ainda, para consolidação dessas informações, que se comparar os 100 primeiros dias da primeira onda, os valores são ainda maiores”.

“De forma voluntária e respondendo a demanda de municípios específicos, geramos relatórios técnicos e que levam em consideração todas as análises descritas anteriormente”, conta o professor. “Esses relatórios foram utilizados pela UFPB (comissão de biossegurança), Defensoria Pública do Estado da Paraíba, Ministério Público Federal, entre outros”.

Projeto desenvolve métodos de monitoramento e previsão de casos

Outro projeto financiado pelo Governo do Estado, através da FapesqPB, tem o título “Modelo de suporte à tomada de decisão sobre intervenção e risco na Grande João Pessoa e grandes cidades paraibanas em decorrência da pandemia de covid-19”, pelo Laboratório de Estatística Aplicada ao Processamento de Imagens e Geoprocessamento, da UFPB. Os resultados foram divulgados recentemente no III Workshop de Saúde Pública sobre Tomada de Decisão, no último 26.

O estudo está sendo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado pelo professor Ronei Marcos de Moraes. Os pesquisadores desenvolveram métodos de monitoramento e previsão de casos de covid-19 para a Grande João Pessoa, que é formada pelos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Conde, Bayeux e Santa Rita. O workshop foi direcionado a secretários de Saúde do Estado e destes municípios.

Os modelos de predição

ajudam o gestor a antever o que provavelmente ocorrerá na próxima semana epidemiológica, se os contornos da situação atual se mantiverem. “Os mapas mostram a situação espacial hoje e como a pandemia se distribui”, explica Moraes. “O modelo de decisão aponta as áreas que devem ser priorizadas de acordo com a análise dos dados disponíveis atualmente”.

“Como toda pandemia é dinâmica, o segmento de previsão deve ser atualizado para acompanhar a evolução

da própria pandemia”, continua. “No momento atual, o modelo foi capaz de prever com grande precisão o intervalo de casos para essa semana epidemiológica 12 para João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita e Conde. Para Bayeux, o modelo chegou bem perto, mas subestimou o número de casos ou seja, a realidade infelizmente foi um número de casos maior do que se esperava”.

A pesquisa atualiza diariamente uma página com os dados, desde 4 de abril de

2020 (http://www.de.ufpb.br/~leapig/projetos/covid_19.html). “Quando a Fapesq abriu o edital para financiamentos de projetos para ajudar a Paraíba no combate à pandemia nas grandes cidades, foi uma extensão natural do trabalho que vínhamos desenvolvendo”, diz o professor. “Formamos uma equipe maior para poder expandir os objetivos para uma visão mais específica (previsão e modelagem inteligente) para grandes cidades e áreas metropolitanas”.

Profissionais de saúde estão sentindo a agressividade da segunda onda

“A segunda onda está realmente mais cruel. O vírus está mais agressivo, realmente, está mais letal”, conta Matheus Agra, médico que coordena uma das alas para pacientes com covid no Hospital Metropolitano, em Santa Rita. “Antes a gente ainda tinha uma análise de que os pacientes jovens não tinham tantas complicações. Antigamente o paciente jovem e sadio não tinha um comprometimento pulmonar tão

grande. Agora os pacientes que estão chegando a ser hospitalizados estão ficando com um comprometimento muito elevado, já vêm com uma dispnéia mais franca, a evolução está mais rápida”.

Agra testemunha uma combinação implacável desta pandemia: o sofrimento dos pacientes e a exaustão dos profissionais de saúde. “Os profissionais de saúde estão todos cansados, estamos há mais de um ano num ritmo

muito intenso”, confessa.

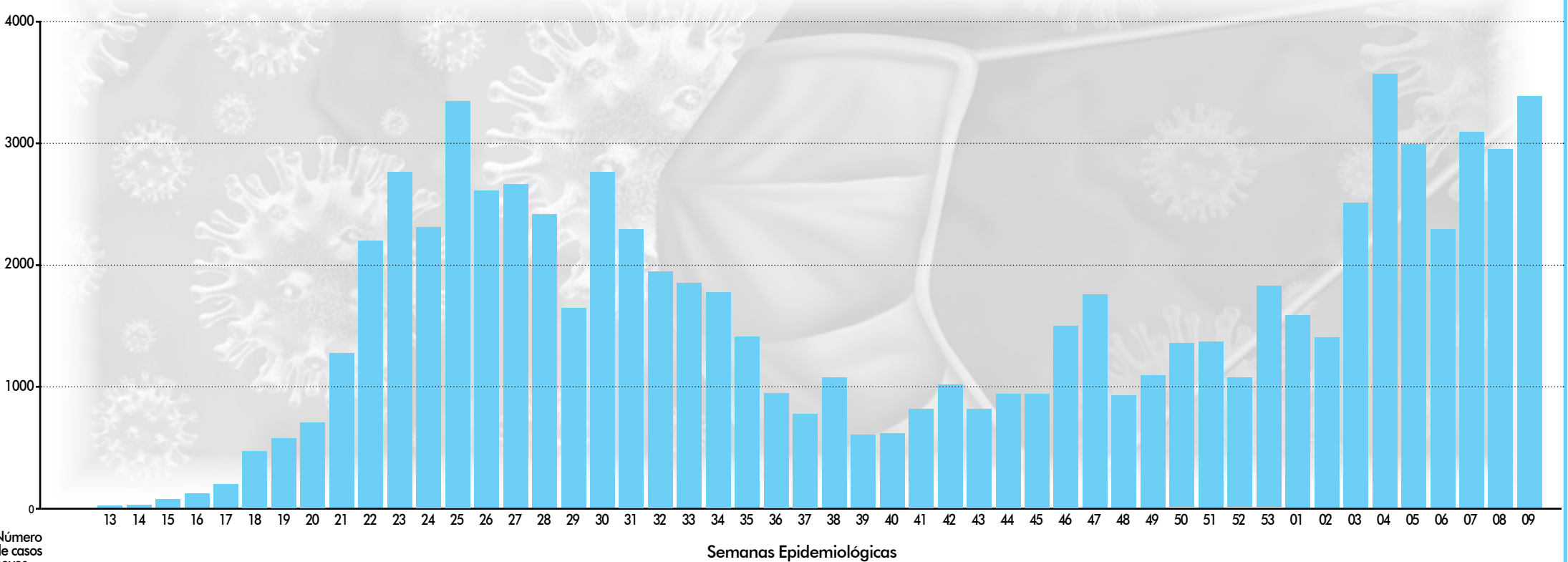
O aumento da gravidade do cenário geral da doença no Brasil tem levado os pacientes a exigir cada vez mais atenção redobrada. “Cada vez mais a necessidade de leitos aumenta e consequentemente abrem novos serviços. E a gente se dispõe ao máximo para ajudar, para poder dar assistência também a esses novos leitos, já que – como a gente diz na medicina – a gente ‘já tem

mão’”, diz, e explica: “‘Já ter mão’ em alguma coisa quer dizer que você já tem uma experiência boa, já sabe manejar bem”.

Mas, com um ano da pandemia sem dar trégua e com o cenário brasileiro em seu pior momento, está ainda mais difícil para os profissionais. “A gente já está exausto mentalmente e fisicamente”, conta. “Alguns colegas não estão podendo ainda nem ter contato com os pais. Isso é

muito difícil. Além do estresse diário, ainda não poder chegar em casa para contar com seus familiares para um aconchego, um carinho, é muito ruim”. Mas ele completa: “Ao mesmo tempo que eu vejo essa exaustão, eu vejo muita garra e vontade de ajudar. Muitos já podiam ter largado e voltado para o seus serviços normais. Estão colocando o cansaço de lado para poder seguir ajudando e salvando os pacientes”.

NÚMEROS DE CASOS NOVOS POR SEMANA EPIDEMIOLÓGICA NA GRANDE JOÃO PESSOA EM 2020/2021



A árvore certa para cada local

Quem vai plantar na zona urbana precisa escolher a espécie adequada, saber manejar e conhecer as regras

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Mangueiras, ipês, castanholas. São muitas espécies de árvores que observamos nas calçadas, quintais, jardins, ruas de João Pessoa e de outras cidades do estado. Segundo especialistas, a arborização na zona urbana é importante para o bem-estar da população e meio ambiente pois, entre outras funções, traz estabilidade microclimática, evitando aumento da sensação térmica. Mas, na hora de plantar uma árvore, vale a pena escolher a espécie adequada e fazer o manejo correto para evitar contratempos.

Dependendo do tamanho da árvore, quando ela fica adulta, as raízes podem interferir na estrutura das edificações e até quebrar as calçadas. Se for de grande porte, os galhos costumam atingir a fiação elétrica das ruas e os telhados dos imóveis. Vale sempre lembrar que a pequena muda que se planta, em um determinado momento, vai crescer, necessitar de espaço para se desenvolver e precisar de manutenção como as podas.

Espaço

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa, Anderson Fontes, explicou que antes de mais nada deve-se analisar o espaço onde se pretende plantar uma árvore, observando a distância do vegetal e o muro, parede da edificação, fiação elétrica, poste e meio-fio da via pública.

“Feito isso, a pessoa escolhe o porte adequado e obedece o recuo previsto pela prefeitura”, afirmou Anderson.

Ele explicou que as regras para plantar uma árvore constam na Cartilha de Arborização, elaborada pela Semam. Quem deseja plantar uma árvore na calçada, por exemplo, o recuo mínimo é de 70 centímetros da linha d’água (meio-fio) e, conforme o tamanho da muda, se estabelece a largura e profundidade da cova.

“Obedecido esse recuo, o próximo passo é respeitar a lei de acessibilidade, deixando um limite de até 83

centímetros de distância do muro da residência, deixando o espaço público livre. Isso é importante para garantir o trânsito das pessoas e, por exemplo, de um cadeirante. O ideal é se plantar árvore em calçada com largura de 2 metros”, destacou Anderson.

Outra dica é que o cidadão não deve cobrir com alvenaria toda a cova onde se plantou a árvore. Segundo Anderson, é fundamental deixar um espaço de terra em volta do caule da planta para possibilitar a oxigenação, aeração do solo, entre outros fatores. Quando o cimento cobre praticamente toda a escavação feita na terra, prejudica o desenvolvimento do vegetal. “Isso é um dos fatores que mais leva árvore a tombar no Brasil. O sistema radicular fica encoberto e pode apodrecer”, disse o engenheiro agrônomo.

Mudas de graça

A equipe da Divisão de Arborização e Reflorestamento da prefeitura da capital, órgão onde Anderson Fontes chefia, pode orientar o cidadão a escolher a espécie apropriada para se plantar em áreas públicas ou privadas. A prefeitura oferece, gratuitamente, as mudas. Os interessados em obter alguma espécie podem se dirigir ao Sesc Gravatá, situado no bairro do Valentina Figueiredo, e procurar o Viveiro de Plantas Nativas da Semam, que funciona de segunda a sexta-feira, da 8h às 12h. O telefone de contato é o 3264.1680.

Poda

A orientação da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (Sbau) é de que a altura padrão para se podar uma árvore é a partir de 1,80 metros. O engenheiro agrônomo Anderson Fontes explicou que neste tamanho a planta vem com a raiz formada e o caule já firme.

A primeira poda (poda de formação) de uma planta neste nível de desenvolvimento é realizada pela entidade, viveiro ou órgão que oferecer a muda. Outra alternativa é procurar um profissional capacitado para fazer esses cortes.

Saber cortar corretamente os galhos de uma árvore contribui para o desenvolvimento adequado da arquitetura da espécie. A manutenção seguinte, ou seja a poda de condução, só deve ser feita mais tarde, quando a árvore chegar a cerca de três metros de altura. Essa ação também deve ser realizada por um profissional. Em João Pessoa, pode ser feita pela equipe da prefeitura, que possui pessoal habilitado para esta atividade.



Espécie, tamanho e espaço onde a árvore vai ficar são informações importantes na hora de plantar. Além disso, existem regras que precisam ser seguidas e que, em João Pessoa, podem ser conferidas em cartilha da Secretaria do Meio Ambiente



DICAS NA HORA DE PLANTAR

- Não existem espécies de árvores consideradas “vilãs” com relação aos estragos causados em ambientes públicos ou privados. Tudo vai depender do espaço do terreno, a forma de manejo e cuidado com a planta. Mas se o cidadão quiser evitar espécies com raízes mais agressivas, não devem plantar os vegetais abaixo:
- Neem indiano
- Ficus
- Leucena
- Castanhola
- Palmeiras
- As espécies mais adequadas são as nativas de Mata Atlântica como o pau-ferro, pau-sangue, sibipiruna e ipês.



Sombra e conforto ambiental

Basta um breve passeio pelas ruas de João Pessoa para observarmos a presença do verde em áreas públicas e privadas da cidade. Avenidas como a Camilo de Holanda, Beira Rio, Eptácio Pessoa, Tabajara, João Machado e Maximiano Figueiredo são apenas alguns exemplos de vias públicas arborizadas na capital. De acordo com a bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas, a presença da vegetação na zona urbana é fundamental para o homem, os animais e o meio ambiente.

Entre as diversas funções, as árvores dão sombra aos cidadãos, bem como conforto ambiental e

térmico. Ela destaca que áreas arborizadas proporcionam a melhoria na qualidade do ar. “Isso ocorre porque a árvore extrai o gás carbônico do ar, e devolve o oxigênio”.

Esses vegetais ainda auxiliam na saúde física e mental da população, por causa do conforto paisagístico, pois é mais agradável admirar um parque repleto de verde do que aquele onde há carência de plantas. A ecóloga acrescentou que as árvores ainda mantêm o ambiente ecologicamente equilibrado e serve de abrigo e alimentação para a fauna urbana.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Covid-19: vírus pode ficar ativo por mais de 14 dias

Estudos apontam que o SARS-CoV-2 permanece detectável por período superior ao isolamento recomendado no Brasil

Karina Toledo
Agência Fapesp

Estudos conduzidos no Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (IMT-USP) têm mostrado que, em alguns pacientes com sintomas leves, o SARS-CoV-2 pode permanecer ativo no organismo por um período superior aos 14 dias de isolamento recomendados no Brasil.

Em artigo divulgado na plataforma medRxiv, em processo de revisão por pares, o grupo coordenado pela professora Maria Casia Mendes-Correa descreve o caso de duas mulheres de aproximadamente 50 anos, moradoras de São Caetano do Sul, na Região Metropolitana de São Paulo.

Uma delas foi atendida pela primeira vez em meados de abril de 2020 e relatou que vinha há 20 dias vivenciando sintomas como tosse seca, dor de cabeça, fraqueza, dor no corpo e nas articulações. Um exame de RT-PCR feito 22 dias após o início do quadro confirmou a presença do vírus no organismo e, nos dias seguintes, a paciente apresentou náusea, vômito, perda de olfato e paladar. Um segundo teste molecular feito 37 dias após o início dos sintomas também teve resultado positivo. Em meados de maio, a maioria das queixas havia desaparecido, exceto dor de cabeça e fraqueza.

No segundo caso relatado, a paciente apresentou febre, dor de cabeça, tosse, fraqueza, coriza, náusea, dor no corpo e nas articulações em meados de maio.

O primeiro teste de RT-PCR foi feito cinco dias após o início dos sintomas e deu positivo. Como o problema persistiu, um segundo teste foi feito no 24o dia e, novamente, a presença do RNA viral foi confirmada. Ao todo, a paciente permaneceu sintomática durante 35 dias, relatam os pesquisadores.

“Por se tratar de casos atípicos, as amostras de secreção nasofaríngea coletadas para diagnóstico foram levadas ao IMT-USP para uma análise aprofundada. O material foi inoculado em uma cultura de células epiteliais e, após diversos testes, confirmamos que o vírus ali presente ainda estava viável, ou seja, era capaz de se replicar e de infectar outras pessoas”, conta Mendes-Correa à Agência Fapesp.

Como explica a pesquisadora, as duas mulheres foram atendidas no âmbito do Programa Corona São Caetano, uma plataforma on-line criada para organizar o monitoramento remoto de moradores com sintomas por equipes de saúde e a coleta domiciliar de amostras para diagnóstico. A iniciativa envolve a prefeitura local, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), a startup MRS - Modular Research System e o IMT-USP (leia mais em: agencia.fapesp.br/33604/).

Com apoio da Fapesp, o grupo de Mendes-Correa acompanhou durante seis semanas outros 50 participantes atendidos no programa para estudar o tempo de persistência do vírus no organismo. Foram coletadas semanalmente amostras de saliva, urina, fezes (swab anal), secreção nasofaríngea e sangue. Todo o material foi levado ao IMT-USP e inoculado em culturas celulares para verificar a presença de vírus ainda infectante.

“As análises indicam que o RNA viral permanece

detectável por mais tempo na saliva e na secreção nasofaríngea. Em 18% dos voluntários, o teste de RT-PCR nesse tipo de amostra permaneceu positivo por até 50 dias. Entre estes, 6% mantiveram-se transmissores [com o vírus ainda se multiplicando] durante 14 dias”, conta Mendes-Correa.

Na avaliação da pesquisadora, portanto, os dez dias de isolamento recomendados atualmente pelo Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos para casos leves podem não ser suficientes para evitar novas contaminações.

Testes em pacientes mostram que o vírus permaneceu ativo, capaz de replicar e infectar outras pessoas por, pelo menos, 35 dias

Coronavírus é detectado nas gengivas

Elton Alisson
Agência Fapesp

Pesquisadores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) detectaram, pela primeira vez, a presença do SARS-CoV-2 no tecido periodontal de pacientes com covid-19 que faleceram em decorrência da infecção.

Durante um procedimento de autópsia minimamente invasiva, eles realizaram biópsias de pacientes diagnosticados com covid-19 que morreram no Hospital das Clínicas da FM-USP e observaram, por meio de análises por RT-PCR e histopatológicas, a presença do SARS-CoV-2 na gengiva.

Os resultados do estudo, apoiado pela Fapesp, foram publicados no *Journal of Oral Microbiology*.

As descobertas contribuem para desvendar uma das possíveis fontes do novo coronavírus na saliva de pacientes com covid-19, sublinham os autores do estudo.

“A presença do SARS-CoV-2 no tecido periodontal pode ser um dos fatores que contribuem para a presença desse vírus na saliva de pacientes infectados e demonstra que as origens do novo coronavírus em gotículas salivares não são somente as vias respiratórias”, diz Bruno Fernandes Matuck.

Antes do surgimento do SARS-CoV-2, outros poucos vírus, como o do herpes simples (HSV), o Epstein-Barr (EBV) e o citomegalovírus humano (HCMV) já tinham sido detectados em tecidos gengivais. As possíveis fontes de infecção podem ser as células epiteliais da gengiva, expostas à cavidade oral, e a migração desses vírus pela corrente sanguínea.

Em razão da alta infectiosidade do SARS-CoV-2 em comparação com outros vírus respiratórios, os pesquisadores levantaram a hipótese de que o novo coronavírus poderia se replicar na cavidade bucal e, dessa forma, aparecer na saliva.

A fim de testar essa hipótese, eles mapearam componentes da

cavidade bucal que contribuem com a composição da saliva. Entre eles, as glândulas salivares, o tecido periodontal e células do trato respiratório superior.

“A ideia foi procurar dentro desses três componentes o que estaria contribuindo para a saliva de pacientes com covid-19 apresentar uma carga viral tão alta”, explica Matuck.

Por meio de um sistema de endoscópio por vídeo, acoplado a um smartphone, foi possível localizar e extrair, utilizando pinças, amostras desses tecidos e também das papilas gustativas e do epitélio respiratório de, inicialmente, sete pacientes mortos por covid-19, com idade média de 47 anos.

As análises das amostras indicaram a presença do SARS-CoV-2 no tecido periodontal de cinco dos sete pacientes até 24 dias após a manifestação dos primeiros sintomas da infecção em alguns casos.

“Esses achados mostram que o tecido periodontal parece ser um alvo do SARS-CoV-2, podendo contribuir, por muito tempo, para a presença do vírus em amostras de saliva”, afirma Matuck.

Os pesquisadores ponderam que a infecção do tecido periodontal pelo SARS-CoV-2 e a presença do vírus na saliva por longo tempo não significa que as partículas do RNA viral sejam infecciosas por todo esse tempo.

“Outros estudos demonstram que a capacidade de contágio do vírus diminui ao longo do tempo e atinge o pico em 15 dias”, diz Luiz Fernando Ferraz da Silva, professor da FM-USP e coordenador do estudo.

Periodontite e Covid-19

A detecção do SARS-CoV-2 na gengiva também corrobora a hipótese de que a inflamação do tecido gengival (periodontite) aumenta o risco de apresentar quadros graves de COVID-19, avaliam os pesquisadores.

Isso porque pessoas com periodontite têm maior secreção do fluido gengival que compõe a

saliva. Além disso, comorbidades como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e síndrome metabólica, fatores que podem contribuir para um pior prognóstico de covid-19, estão altamente associadas à doença periodontal.

Carga elevada

“Uma vez que o SARS-CoV-2 infecta o tecido periodontal, a maior secreção de fluido gengival eleva a carga do vírus na saliva”, afirma Matuck.

O estudo também confirma a acurácia de testes de covid-19 pela saliva, como o desenvolvido no Brasil pelo Centro de Estudos do Genoma Humano e de Células-Tronco (CEGH-CEL) – um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) financiado pela Fapesp (leia mais em agencia.fapesp.br/34718/).

“Da mesma forma que o exame de RT-PCR é importante porque detecta o vírus em secreções nasofaríngeas, o SARS-CoV-2 também pode ser detectado com muita precisão na saliva porque há carga viral sustentada nesse fluido em pacientes infectados”, afirma Silva.

Os pesquisadores pretendem analisar, agora, a carga viral de SARS-CoV-2 no tecido periodontal de pessoas com covid-19 assintomáticas ou com sintomas leves da doença para avaliar se a resposta nessas células é diferente em comparação com as de pacientes em estado grave.

Atualmente, eles estão estudando os receptores de entrada do SARS-CoV-2 na cavidade bucal.

Já se sabe que a presença do vírus na boca pode ter diferentes origens. O SARS-CoV-2 infecta as células usando o receptor da enzima conversora de angiotensina 2 (ACE-2) como entrada. Esse receptor pode ser encontrado em vários locais na boca, como na língua, em células epiteliais ductais das glândulas salivares e no tecido periodontal. O receptor ACE-2 também foi expresso no ligamento gengival e periodontal em fibroblastos humanos.

Imunossuprimidos

Outro braço da pesquisa conduzida no IMT-USP envolve o monitoramento de indivíduos imunossuprimidos infectados pelo SARS-CoV-2. Até o momento, dez voluntários já foram incluídos no projeto e um deles permanece com a infecção ativa no organismo há mais de seis meses.

“Trata-se de um paciente submetido a um transplante de medula óssea antes de ocorrer a infecção. As análises indicam que a carga viral em seu organismo é elevada e que o vírus é altamente infectante. Por esse motivo ele continua em isolamento, mesmo passado um longo período após o início dos sintomas”, conta Mendes-Correa.

A pesquisadora ressalta a necessidade de monitorar com atenção casos como esse, que oferecem condições ideais para o surgimento de variantes virais potencialmente mais agressivas.

“O fato de o vírus permanecer se replicando no organismo por tanto tempo favorece a seleção de mutações que conferem vantagens ao microrganismo. Esse paciente tem um alto grau de imunossupressão e está sendo monitorado de perto, dentro de um protocolo de pesquisa. Mas também é preciso se preocupar com a parcela da população que apresenta graus mais leves de imunossupressão, como os portadores de doenças autoimunes [que fazem uso de fármaco imunossupressores], por exemplo”, alerta Mendes-Correa.

Quem foi?

Conheça a história de José Lopes de Andrade, jornalista, escritor e professor, que levou a Sociologia Moderna às páginas dos jornais em sua coluna "Homens & Fatos". Páginas 18 e 19



Fotos: Divulgação

Fotos: Marcus Antonius

O bairro desenvolveu-se nas décadas de 1920 e 1930, acompanhando a modernização da capital pessoense, que crescia para o sentido oeste



Cruz das Armas

Versões em torno de um nome

Narrativas romanceadas, documentos e até lendas indicam origens do nome que batiza o bairro e sua principal avenida

Carol Cassoli
Especial para A União

Com mais de 25 mil habitantes, Cruz das Armas é um dos bairros mais antigos de João Pessoa. O local se desenvolveu durante as décadas de 1920 e 1930 e acompanhou a modernização da cidade que, nesta época, crescia para o sentido oeste e gerava dinâmica na conhecida avenida principal. Mas, afinal, de onde vem o nome que batiza o bairro e sua via mais importante? As origens ganham ares de lendas, contadas e recontadas de geração a geração, que se encontram e se conectam com a história, apesar da documentação escassa.

"A avenida que hoje chamamos Cruz das Armas já foi conhecida como Estrada Geral. Em torno dessa estrada surgiram as primeiras habitações que deram origem ao bairro", explica o pedagogo Gilmário Kassandro Xavier Pinheiro, que pesquisou e escreveu sobre o bairro para o trabalho de conclusão de curso (TCC). "O mais interessante é compreender o significado da estrada para a região", diz Gilmário.

Com versões romanceadas que ninguém sabe ao certo de onde vieram, os relatos em torno do nome Cruz das Armas passam por outros espaços históricos, além da grande avenida. Não há consenso popular quanto ao evento que gerou o nome; algumas histórias, porém, se destacam mais que outras e são mais aceitas pela população, embora, atualmente, os historiadores já discordem da maioria.

Algumas das narrativas que cercam o bairro estão relacionadas ao his-

tórico militar que permeia o local. Conta-se que, lá, era realizado o cruzamento de armas entre os estados de Pernambuco e Paraíba no famoso Quinze, o Regimento Vidal de Negreiros e, por isso, a população começou a empregar o termo "Cruz das Armas" para identificar o local como ponto de encontro. Em outra variante, durante um dos muitos conflitos armados que ocorreram no local, para demonstrar sua rendição, um dos grupos da revolta, formou com suas armas, uma cruz no chão; daí, Cruz das Armas.

Assombrações

No entanto, de todas as histórias que, aos poucos, se tornam lendas, a que mais agrada é a narrativa de que, ainda no período colonial, os viajantes que iam até o Mercado de Recife passavam pela região da atual avenida e, à noite, sofriam com medo de assombrações. Assim, o lugar ficou conhecido como "Cruz das Almas" que, posteriormente, tornou-se "Cruz das Armas".

"Na época da Estrada Geral, é possível que o bairro tenha nascido Cruzeiro das Almas e, posteriormente, se tornado Cruz das Armas. A ideia é de que ergueu-se uma cruz para que as pessoas que passavam pela estrada tivessem noção de que já haviam atingido a capital paraibana", relata Gilmário Kassandro.

Apesar de todas as histórias, o bairro que abriga o Estádio da Graça, a Maternidade Frei Damião - de grande relevância para o estado -, a Igreja São José Operário (da década de 30) e o Cemitério São José, único onde se pode comprar um terreno per-



A origem do nome Cruz das Armas está diretamente relacionada à avenida principal, que já se chamou Estrada Geral e hoje tem o mesmo nome do bairro

pétuo, documentos históricos apontam que, de fato, Cruz das Armas, foi, outrora, Cruz das Almas.

O professor Ângelo Pessoa, do Departamento de História da UFPB, explica que vários documentos indicam um mesmo caminho: a Capela do Engenho da Graça, por onde começa a desenrolar-se o fio da história que leva à Cruz das Armas. Ângelo concorda com Gilmário e comenta que as relações com Pernambuco eram, de fato, muito estreitas e que, além da ligação marítima, existia uma estrada que saía da cidade de Parahyba em direção a

Olinda. "Essa estrada passaria pela região de Cruz das Almas, em que, em algum trecho do caminho próximo ao Engenho da Graça, havia um cruzeiro de beira de estrada onde as pessoas, provavelmente, seguiam um costume muito tradicional das antigas cidades brasileiras e deixavam suas intenções de proteção", comenta o professor, ao enfatizar que, mesmo com a descoberta de documentos, não se pode afirmar a localização do cruzeiro, que poderia, ainda, estar posicionado em qualquer lugar da atual Avenida Cruz das Armas.

Morador e personagem

Professor, historiador, especialista em Ciências das Religiões e pedagogo, Gilmário Kassandro, conhecido como "o conde", ensina pelas escolas de João Pessoa um pouco sobre como o mundo se tornou mundo e, se possível, como as pessoas se tornam sociedade. Nessas contações entram, também, algumas versões sobre o bairro em que nasceu. "Ao longo do tempo, muito me interessei pelas conversas passadas de geração a geração". Gilmário apaixonou-se pelas muitas narrativas que ouviu de tantas pessoas de todas as idades, com o decorrer do tempo.

Ex-aluno da 'Estadual de Cruz das Armas' (Escola Papa Paulo VI), Gilmário comenta com irreverência que seu bairro, além de populoso, oferece todos os serviços que a população necessita e que isso se deve, não somente ao presente, mas sempre, ao passado. "É um bairro diversificado e eu tenho que puxar a sardinha pro meu lado mesmo", finaliza Gilmário.

Em meio a retratos de um período em que se chegava a menos de um metro dos outros, Gilmário corta Cruz das Armas diariamente para dar aula em uma sala vazia. Quanto mais sai

de casa, mais vê a importância da história; a que já passou e a que ainda vai chegar. O homem, que acredita que mais vale o que será, aos poucos, tenta refletir sobre quando as ruas de um dos bairros mais movimentados de João Pessoa tinham mais gente ainda e ele era "simplesmente Gilmário, o amigo do povo". E como vive em uma casa de professores, acredita, acima de tudo, no poder da educação. Por isso, atravessa a larga Avenida Cruz das Armas e segue, assim como muitos, rumo ao futuro do país - que, no seu caso, se constrói olhando para o passado.



Gilmário é professor e pesquisador

José Lopes de Andrade

Jornalismo comprometido com a História

Campinense foi um dos grandes cronistas da Paraíba entre as décadas de 1940 e 1960, além de ter fundado o Instituto Histórico e Geográfico do município

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, escritor, professor e sociólogo José Lopes de Andrade era de uma intelectualidade de categoria e introduziu nos jornais e meios intelectuais de Campina Grande a Sociologia moderna, adotando o estilo de seu ídolo e amigo pessoal, Gilberto Freyre. Segundo o historiador José Otávio de Arruda Mello, seu contemporâneo, a crônica de Lopes, no Diário da Borborema, intitulada "Homens & Fatos," contribuiu para que ele instrumentalizasse Campina Grande, a partir de 1947, como cidade acadêmica.

"Suas crônicas, que matematicamente não passavam de 40 linhas, possuíam muita força e antecipação. Ele deu exemplo vivo desta sua habilidade ao prenunciar em 1963 que o discurso do então presidente João Goulart, se confessando ao lado das esquerdas e da reforma agrária (Goulart era alto latifundiário) poderia redundar num golpe e, conseqüentemente, numa ditadura. O Golpe Militar de 1964 ocorreria meses depois. De estilo objetivo e direto, ele usava a Sociologia nos jornais tentando aproximar o veículo de leitura popular da intelectualidade", explica Otávio.

De acordo com o jornalista e escritor Gilson Souto Maior, apesar da atividade literária e jornalística, Andrade ainda possuía tempo para se dedicar ao clube desportivo de sua preferência. Jogou como atacante no Paulistano Sport Club, de Campina Grande. Recebeu das mãos do então prefeito Evaldo Cruz a nova bandeira da cidade, ao lado de sua esposa, a professora Letícia Camboim Lopes,

durante uma solenidade pública no Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande. Seu nome é lembrado numa praça situada entre o Centro de Campina Grande e o bairro de Zé Pinheiro.

A meta de vida do menino pobre nascido em Queimadas - na época, distrito agrícola de Campina Grande - sempre foi a de conseguir sobreviver dignamente. "Antes de se formar, trabalhou como caixeiro das lojas Iracema. Na rua, era conhecido carinhosamente como "Zé da Iracema", por se destacar no tratamento com os fregueses. Sua amizade com Assis Chateaubriand, o dono da Rede Diários Associados, praticamente o tornou "cativo" da coluna "Homens & Fatos, no Diário da Borborema, por mais de 10 anos. Suas crônicas sempre dissertavam sobre a seca e o subproduto dela, a forçada migração nordestina, responsável, muitas vezes, pela formação do homem marginalizado.

José Lopes de Andrade nasceu em Queimadas, no Agreste paraibano, a 114 quilômetros de João Pessoa e a 14,5 quilômetros de Campina Grande, no dia 28 de julho de 1914. Morreu no Rio de Janeiro em 13 de abril de 1980, aos 66 anos. Seu pai, o agricultor Manoel Lopes de Andrade, foi um dos pioneiros moradores de Queimadas, onde chegou nos idos do século 19. Cursou o primário na Escola Severino Procópio; estudou o ginásio e o segundo grau no Liceu, em João Pessoa. Matriculou-se depois na Faculdade de Direito do Recife, mas não concluiu esta cadeira, optando por formar-se em Ciências Sociais. Casou com Letícia Camboim. Desta união nasceram cinco filhos: Maria Olenca, José, Maria Walesca, Tizzidia e Gianna.



Fotos: Divulgação

Carreira profissional e lançamento de livros

José Lopes foi chefe da Casa Civil no governo de José Américo, na Paraíba. E o responsável pelo Centro de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas quando José Américo ocupou este ministério, na década de 1950. José Octávio de Arruda Melo informa que Andrade brigou com o autor de "A Bagaceira," porque este recusou pagar-lhe umas diárias. Foi quando retornou à Paraíba e ocupou a prefeitura de Campina Grande por 45 dias, em substituição a Verniud Wanderley. Entre as pessoas ilustres que conheceu de perto destacam-se Assis Chateaubriand, Elpidio de Almeida, Epitácio Soares, Hortêncio Ribeiro, William Tejo, José Elias Barbosa Borges e Epaminondas Câmara.

Ao lado deles, seguindo orientação e ideia do médico João Tavares, fundou o Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande (IHGCC), participando de um movimento que durou entre 1948 e 1970, segundo informes publicados no Blog "Retalhos Históricos de Campina Grande".

A sua obra jornalística "Uma Militância na Imprensa" - posteriormente transformada em livro -, obteve elogios em renomados círculos intelectuais, além de publicações em revistas especializadas. Outros artigos do gênero ele publicou no Diário de Pernambuco, em A Tribuna e A União, órgãos com quem colaborava esporadicamente. Entre seus livros, se destacou "Forma das Migrações no Nordeste" (1952), onde fez interessantes reflexões sobre a problemática das migrações nordestinas e o homem marginal.

No período de 1943 a 1952, ele lançou os livros "A Província Esquecida", analisando o abandono político e financeiro dos estados mais pobres do Brasil, situados no Nordeste; "Introdução à Sociologia das Secas" e "Forma e Efeito



José Lopes recebe do então prefeito de Campina Grande, Evaldo Cruz, a antiga bandeira do município, que ficou sob responsabilidade do IHGCC

das Migrações do Nordeste". Tudo isto está registrado nos anais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCC) pela assessora de imprensa Gloriquete Mendes, que distribuiu para a imprensa o release de lançamento da segunda edição de "Introdução à Sociologia da Seca", em 25 de agosto de 2011.

Neste livro, ele propunha a todos o entendimento da seca no Nordeste, sempre classificando-a como "fenômeno natural e social". Dois artigos polêmicos de sua autoria, escritos respectivamente em junho e novembro de 1967, eram intitulados "Canudo de Bacharel" e "De Culto de Inutilidade."

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Dieta informacional existe. Você sabia?

Se dizem que somos o que comemos, será que também somos produto da informação que consumimos? Sim e há quem defenda a adoção de uma dieta informacional em nosso cotidiano, com incorporação de conteúdo correto e saudável. A ideia é que é necessário consumir informações verdadeiras, que ajudem as pessoas nos mais diversos aspectos, seja pessoal, seja profissional.

No livro "A dieta da informação: uma defesa do consumo consciente", o escritor Clay A. Johnson (mais conhecido por ter sido o responsável pela campanha on-line de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos em 2008) faz uma analogia com a dieta alimentar para abordar os problemas do consumo excessivo de informação. Para o autor, a economia do jornalismo passou por mudanças e alterações, e avançamos de uma terra de escassez para uma de abundância.

"E ainda que estejamos programados para consumir - isso foi essencial para nossa sobrevivência -, nosso apetite irrestrito por informações já não nos ajuda mais. Surpreendentemente, também está nos matando", alerta Clay A. Johnson.

Já comentei em outras colunas, mas é sempre bom lembrar: apenas uma edição dominical do jornal The New York Times no fim do século XX equivalia a toda a informação que uma única pessoa levava a vida inteira para saber no século XVII. Hoje, em pleno século XXI, estima-se que ficamos mais de nove horas conectados o dia inteiro, absorvendo informações oriundas dos mais diferentes canais.

Para Johnson, "do mesmo modo que uma dieta pobre pode nos causar muitas doenças, uma dieta da informação pobre nos dá novas formas de ignorância - vindas não da falta de informação, mas de seu consumo excessivo e de doenças e ilusões que afetam não o indivíduo mal informado, mas o superinformado e bem instruído".

Personalidade frequente em conteúdos educativos produzidos pelo Instituto Palavra Aberta, a jornalista Ana Cristina Rosa orienta que, quando a pessoa for pensar em buscar informação, deve sempre fazer associação com uma dieta nutricional. "Assim, como a gente tem cuidado com o que coloca no estômago, é necessário ter cuidado com o que coloca na cabeça. Die-



ta informacional equilibrada é aquela bem variada, que inclui diversas fontes. Pense num prato colorido. No caso, as cores estão associadas a portais diferentes", explica.

Todos os dias, somos bombardeados com diferentes cardápios de informação. Será que não está na hora de fazer um detox? Que tal passar um fim de semana inteiro sem internet? Muito radical? Então, adote as dicas a seguir, para evitar excesso de informação e, principalmente, de dados falsos ou descontextualizados.

Desafie-se a ficar alguns dias sem acessar notícias publicadas em aplicativos

de mensagens. Limite as fontes de informação a que você tem acesso, selecionando as que lhe são mais caras. Procure consumir informação que tem relevância para a sua vida e que o motive a aprender um conteúdo que você estima.

Incorporar tais sugestões pode ser um bom começo para mudanças mais radicais em sua dieta. Atente: é fundamental ter moderação e equilíbrio ao pensar em abanhar mais uma porção de notícia. O consumo de informação de qualidade e na medida certa é um bom indicador de uma dieta informacional saudável. Experimente!

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A Solidão do Soledade

O que vivemos hoje se assemelha a uma solidão grupal ou familiar, se assim pudermos dizer. Explico-me melhor: acometidos pela atual pandemia provocada pelo coronavírus, falamos assim porque, algumas vezes, mesmo juntos, estamos separados, mergulhados em íntimo isolamento diante da perspectiva do futuro que nos espera.

Vivemos hoje, guardadas as proporções e o avanço das condições médico-sanitárias, situação semelhante às lembradas pestes que dominaram o mundo, as tais pestes bubônicas: a praga de Justiniano (séc. VI), que matou de 25 a cinquenta milhões; a peste negra (séc. XIV), que levou cinquenta milhões; a terceira peste, que carregou consigo doze milhões. Albert Camus, no romance "A Peste" (1947), trata desta última como uma metáfora sobre a pandemia, que serve de pano de fundo à narrativa, e que, como a atual, "nasceu" na China, na segunda metade do séc. XIX.

Por aqui, Oswaldo Cruz, microbiologista paulista, tornou-se, paradoxalmente, odiado e amado ao entregar-se a uma campanha sanitária de combate às principais doenças tropicais: peste bubônica, febre amarela e varíola, numa ação que deu origem à vacinação em massa. Apesar de, na época, sofrer um movimento oposicionista por parte da imprensa, foi reconhecido pela população que teve essas doenças erradicadas a partir de 1908, com a adoção da vacinação coletiva.

Mas o que tem a ver isso com a música?

– poderá perguntar o leitor.

Em situação diversa, o compositor Paulo (Gurgel Valente do Amaral) Soledade (Paraná, 1919 - Rio, 1999) viveu uma espécie de "volta à vida" quando, após ser desengano por uma junta médica, tendo sido submetido a uma cirurgia de alto risco, vendo próximo o seu fim e escapando dele - o que o fez deixar para trás as amarguras diante da solidão provocada pela vizinhança da morte - compôs uma música que é uma verdadeira celebração à vida.

Como compositor, ator teatral, produtor e empresário do show business, foi a marcha-rancho *Estão voltando as flores* que o celebrou no universo musical. Antes disso, havia composto o seu primeiro grande sucesso, *Zum-Zum*, para o Carnaval de 1951, que foi gravado por Dalva de Oliveira. Tanto foi o sucesso que, dez anos depois, ele criou a boate carioca homônima, onde nasceu a bossa-nova e de onde Soledade acompanhou o advento do novo movimento musical, convivendo com Aloysio de Oliveira, Sílvia Telles, Lenie Dale, Vinícius de Moraes, Johnny Alf, entre muitos outros. Dessa época é que vêm outras músicas suas, como as conhecidas: *Poema dos Olhos da Amada* e as "engraçadas" *O Pato*, *O Peru*, *O Pinguim*, *A Formiga* e *O Relógio* (todas em parceria com o "poetinha") e que fizeram sucesso no espetáculo "A Arca de Noé - 2".

Mas a vitória sobre a solidão diante do desengano de saúde ocorreu na declaração de amor à esposa quando, voltando à vida, em ape-

nas quinze minutos, compôs o que ele chamaria o seu "hino de recuperação", sua composição maior (1960), a marcha-rancho *Estão voltando as flores*. Esse hino à vida, tendo sido rejeitado pelas gravadoras mais em evidência, veio a cair nas mãos dos Rozenblit - leia-se gravadora Mocambo, do Recife - que convidou Helena de Lima a gravar um 78 rpm. Daí pra frente, a música ganhou o Brasil e tornou-se um hino à vida. Outras inúmeras gravações ocorreram, entre as quais duas merecem destaque: a de Miltoninho e a de Emilio Santiago. As Cantoras do Rádio também a gravaram e cantaram na peça teatral homônima, de Ricardo Cravo Albin.

Precisamos, como Soledade, aguardar sairmos dessa solidão em que a Covid-19 nos deixou e acreditar na vida e que, para nós, também voltem as flores, quando poderemos cantar:

Vê, estão voltando as flores
Vê, as nuvens vão passando
Vê, nessa manhã tão linda
Vê um novo céu se abrindo
Vê como é bonita a vida
Vê o sol iluminando
Vê, há esperança ainda
Por onde nós vamos indo.

Mas, por enquanto, se e quando possível, "fique em casa", ouvindo o conselho de Chico César, no seu recente sucesso - Soledade (Viver é melhor)

Eu tô me coçando
Que a soledade
Para ir numa festa.
Pode ser a companheira,
Uma vontade da molesta
A amante e conselheira,
De ir num forró,
Mãe e mãe-avó.
Mas o restinho de juízo
Com o bicho solto,
Que ainda me resta
(Num é que eu não queira!),
Me catuca atrás da testa
Mas não sou de dar bofeira
E diz pra ficar só.
Viver é melhor!



Paulo Soledade viveu espécie de "volta à vida"

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Mudanças e desespero!

Tenho acompanhado muitas empresas do ramo de gastronomia que estão sobrevivendo no ritmo de entregas e pegue no balcão, por conta da nova onda da covid-19.

Vejo que muitas delas ainda não entenderam o sentido de ter um trabalho de delivery, mesmo tendo a experiência do ano de 2020. Creio eu que nunca tenham tido essa experiência de trabalhar com entregas, até parece que ainda estão vivendo de outra maneira de venda.

Mas se você está lendo e se perguntando por que não fiz isso antes, não se culpe, pois não foi só você que vinha esquecendo deste modo tão simples e prático que existe em muitos lugares do mundo. E não esqueça que agora é apenas um começo de muito tempo. Tudo subiu nos valores dos deliveries: quando no ano de 2020 se pagava a uma associação de motoboy R\$ 300 mais os valores da entrega, hoje o valor é de R\$ 500 mais os valores das entregas, que também subiram.

Vamos para o principal ponto, que é redução de custos. Antes, não se pensava em redução no número de funcionários em uma cozinha e manter o mesmo cardápio de delivery, hoje a história está bem diferente. Além da redução de funcionários

a diminuição do cardápio é fundamental para reaver todos os valores e tentar acompanhar as metas de venda. O cardápio extenso vai gerar estoque, despesa, mão de obra, água, transporte... tudo isso são custos que automaticamente terão que repassar para seu cliente.

Essa é uma época de manter um cardápio enxuto, preço bacana, entrega, se não for grátis que tenha um preço legal, e o principal, manter suas redes sociais ligadas com o seus clientes e futuros clientes. Hoje não é tempo de achar que um cliente que reclamou de um alinhamento não tenha valor sua reclamação; ao contrário, esse cliente pode gerar uma corrente negativa para seu negócio muito rápido, esse será seu maior cartão de visita e seu concorrente principal, a sua própria empresa.

Vejo que muitas vezes ainda existem empresários comparando seu horário de pico de venda, e muitos ainda chegam a falar que não está sendo bom naquele momento, mas a explicação é bem direta. Você tinha uma linha de cliente, hoje, os clientes vão mudar e serão mais exigentes com preços mais baixos e curto tempo de entrega. Você vai ter que se virar e esquecer o tempo antes e viver o tempo

que temos para vender agora, no momento. Sei que não é fácil, mas as adaptações serão necessárias.

Hoje temos famílias ociosas, que estão nas suas casas fazendo quase todas as refeições, então, não será fácil para eles fazerem seus pedidos. Não é mais uma refeição diferente, são várias; então, para isso, o preço somado à quantidade e entrega tem seu valor somado na hora de fazer o pedido em casa.

Repense no que você está querendo vender, enxugar seu cardápio vai valer muito a pena nos seus custos. Refaça seus valores para ganhar no montante da venda, faça seu cliente sorrir no dia da semana que você acha ruim e faça entrega grátis, reinvente com um bilhete que ninguém espera de que "Tudo vai Passar". É nesta hora que o preço pago é somado à felicidade do amor do que nós estamos vendendo.

Sei que o momento é difícil, mas reveja seus valores e atinja o máximo de venda que você queira. Sabe por quê?

A internet hoje é muito forte, mas voltamos à propaganda boca a boca, ou seja, de zap a zap.

E vamos vender e ser felizes.

Tudo isso vai passar!

PRATO DO DIA

Receita do pudim de Café São Braz

Ingredientes

- **Calda**
- 1 xícara (chá) de açúcar
- 1/2 xícara (chá) de água quente
- **Pudim**
- 1 lata de leite condensado
- 2 medida (da lata de leite)
- 3 ovos
- 2 colheres de (sopa) de café solúvel



Fotos: Walter Ulysses

Modo de preparo - Calda


■ Em uma panela derreta o açúcar até ficar dourado. Junte a água quente, mexa com uma colher e deixe ferver até dissolver os torrões de açúcar e a calda engrossar. Forre com esta calda uma forma com furo central (19 cm de diâmetro) e reserve.

Modo de preparo - Pudim

■ Bata todos os ingredientes do pudim no liquidificador. Despeje na forma reservada, cubra com papel alumínio e asse em banho-maria, em forno médio (180°C) por cerca de 1 hora e 30 minutos. Depois de frio, leve pra gelar por cerca de 6 horas. Desenforme e sirva a seguir.

Modo de preparo - Dica

■ Para saber se o pudim está assado, espete-o com uma faca, esta deve sair limpa - Sirva o pudim com crocante de amendoim ou de castanha de caju. A combinação de sabores é fantástica!



QUENTINHAS

- Thiago Camarão uma empresa de pescados em João Pessoa no Bairro dos Estados e na Cidade de Cabelo tem produtos de primeira qualidade e preço variado, tanto para atacado como no varejo. Seu contato é 98885-4379 e seu Instagram @thiago.camaraopb
- O mais novo Delivery da cidade Gorlami Pizzaria está com muitas promoções em dias variados, além de suas pizzas serem uma delícia. Da uma olhada no seu Instagram @gorlamijp
- Eu não poderia deixar de falar das delícias da Cozinha Afetiva feita com muito carinho e amor por Carol Campbell especializada em pães deliciosos artesanais e cestas especiais. Seu contato é 98747-1671 e seu Instagram @cozinhaafetivajp
- As obras de artes da minha esposa Haryanne Arruda estão fazendo o maior sucesso. Lindas para decoração de seu ambiente seja ele qual for. São peças únicas pintadas com amor e intuição! Confere no Instagram @haryannearruda.feitocomamao

PITADAS A GOSTO



A Produção de café no Brasil é responsável por cerca de um terço da produção mundial de café, o que faz o país ser de longe o maior produtor - uma posição mantida nos últimos 150 anos. Em 2012 foram produzidas 50 milhões de sacas, totalizando 3 milhões de toneladas. Em 2009 foram produzidas 2,4 milhões de toneladas. Em 2007 cerca de 70% da produção foi de café arábica, e apenas 4,26% do café exportado em 2009 foi do tipo robusta. O Brasil é, também, o maior exportador do mundo, mas sofre concorrência de países como Vietnã, Indonésia, Colômbia, Honduras, Etiópia, Peru, Índia, Guatemala e Uganda, países que estão entre os 10 maiores produtores. Em 2018, o Brasil produziu 3,5 milhões de toneladas de café, sendo o maior produtor do mundo. Os estados que mais produzem são, principalmente, Minas Gerais (33,46 milhões de sacas) e Espírito Santo (13,6 milhões de sacas), seguidos por São Paulo (6,15 milhões de sacas), Bahia (4,13 milhões de sacas), Rondônia (2,43 milhões de sacas) e Paraná (937,6 mil sacas). Em 2020, Minas Gerais era o maior produtor de café arábica do país. Já o Espírito Santo era o maior produtor de café conilon.